

VITORINA DE JESUS FERNANDES FERRAZ

PARTICIPAR DE UMA ONG:
QUAL O SENTIDO PARA O JOVEM?

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2008

VITORINA DE JESUS FERNANDES FERRAZ

PARTICIPAR DE UMA ONG:
QUAL O SENTIDO PARA O JOVEM?

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de psicologia, sob orientação do Profº Dº Sergio Ozella.

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2008

Agradeço aos que, colaboraram comigo na construção deste trabalho:

À Associação Cidade Escola Aprendiz por permitir que eu realizasse minha pesquisa junto aos adolescentes que participam de suas atividades.

Aos meus queridos filhos, Thiago e Gabriel por compreenderem, apoiarem e ajudarem em várias etapas de meu trabalho;

Ao meu amado José Euclides se não fosse por ele, sequer teria me aventurado a mais este desafio;

À minha querida mãezinha que se pudesse, tenho certeza, muito estaria orgulhosa de mim agora;

E, finalmente ao Profº Drº Sérgio Ozella pela valiosa e competente orientação dispensada a mim neste ano, respeitando meu ritmo e limites; corrigindo sim, criticando jamais; acrescentando sempre com sugestões e palavras de incentivo.

A todos deixo meu sincero,

Obrigado

Vitorina

Vitorina de Jesus Fernandes Ferraz: Participar de uma ONG: Qual o sentido para o jovem?, 2008¹.

Área de Conhecimento: Psicologia Social

Título: Participar de uma ONG: Qual o sentido para o jovem?

Orientado: Vitorina de Jesus Fernandes Ferraz

Orientador: Profº Drº Sergio Ozella

Palavras-chave: Adolescentes; ONGs; Psicologia Sócio-histórica.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo estudar e refletir sobre o sentido para o jovem em participar de uma ONG. A idealização do mesmo foi guiada pelo interesse em estudar temas relacionados à adolescência e sua atuação nas atividades oferecidas a esta população. Escolhemos para a análise dos resultados a compreensão Sócio-histórica, pois entendemos que esta vê a adolescência como significação que se constitui na construção da identidade dos indivíduos jovens. O presente trabalho foi realizado em três etapas. Na primeira etapa foi feita uma revisão teórica de temas relacionados ao trabalho, como: adolescência, ONGs e psicologia Sócio-histórica. Na segunda etapa foi realizada uma entrevista semi-estruturada com jovens na sede da ONG e transcrita para compor o material que subsidiou a realização da terceira etapa do trabalho. Esta foi constituída pela organização do material para a realização da leitura flutuante, pela constituição dos pré-indicadores e indicadores e pela construção e análise dos núcleos de significação. Dos resultados gerais podemos concluir que para os adolescentes a ONG representa um espaço de superação, pois se apresenta como possibilidade ao acesso a informações que os mesmos não encontram em outros lugares. Além de concluirmos que a auto-realização para o adolescente é mediada por suas relações pessoais, pois amigos, família e supervisores desempenham um papel importante na escolha e manutenção das atividades do cotidiano dos adolescentes.

¹ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética da PUC/SP. Protocolo de Pesquisa nº064/2008.

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| CAPÍTULO I - As ONGs - Organizações não governamentais..... | 3 |
| As ONGs no Brasil..... | 4 |
| CAPÍTULO II - Adolescência e participação social..... | 8 |
| As concepções sobre a adolescência na psicologia..... | 8 |
| Adolescência na visão da psicologia Sócio-histórica..... | 11 |
| A Participação Social da Adolescência..... | 13 |
| CAPÍTULO III - A psicologia Sócio-histórica..... | 19 |
| Pressupostos metodológicos | 25 |
| Procedimentos Metodológicos..... | 28 |
| CAPÍTULO IV - Organização e Análise do material e resultado da leitura flutuante | 31 |
| Pré-Indicadores: | 31 |
| Indicadores: | 36 |
| Construção dos núcleos de significação..... | 37 |
| Análise dos núcleos de significação | 38 |
| CAPÍTULO V - Considerações finais..... | 45 |
| Referências bibliográficas | 47 |
| Anexos | 51 |

Introdução

No trabalho de conclusão de curso de minha graduação em psicologia enxerguei a oportunidade de responder perguntas que sempre me trouxeram curiosidade. E, talvez, guiada por experiências pessoais sempre procurei respostas a questões como: como os jovens lidam com a responsabilidade de serem o futuro da nação; quais saídas eles encontram para lidar com questões pessoais?

Além destes questionamentos, as ONGs sempre foram instituições que me despertaram interesse. Estudar suas funções e importância sempre fizeram parte de minha intenção. Foi através destes questionamentos que surgiu minha idéia de unir os dois temas, adolescentes e ONGs e formular um problema de pesquisa que envolva ambos. Meu desafio neste trabalho, então foi responder ao problema de pesquisa: Participar de uma ONG: Qual o sentido para o jovem?

Neste trabalho adotei a psicologia Sócio-histórica como referencial teórico, pois compactuo como esta área da psicologia enxerga os jovens como:

constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas dos grupos sociais e olhar e compreender suas características como características que vão se constituindo no processo. (Aguiar, Bock & Ozella, 2001:171, apud Ozella, 2003, p.20).

No esforço de responder minha pergunta de pesquisa e respaldada por um arcabouço teórico meu trabalho é composto, em seus primeiros capítulos pelo material teórico sobre assuntos que fizeram parte do universo do que pretendíamos estudar como, ONGs, adolescentes e a psicologia Sócio-histórica.

Na seqüência do trabalho apresentamos a organização e análise dos dados colhidos na entrevista. A entrevista foi realizada com duas jovens na sede da Associação Cidade Escola Aprendiz. A escolha da instituição foi realizada segundo critérios pessoais que serão esclarecidos no decorrer do trabalho.

As jovens que fizeram parte da entrevista foram escolhidas segundo o critério possível na ocasião, ou seja, ambas realizavam algum tipo de atividade para a instituição e por estarmos, na ocasião em férias escolares, apenas alguns jovens estavam na instituição, porém ambas estavam de acordo com o que pretendíamos em nosso trabalho. Ambas estavam com 17 anos. Nosso trabalho foi realizado utilizando apenas o material de uma delas, sendo que não houve uma razão específica para a escolha, apenas porque entendemos que se tratava de um diálogo mais completo para o que pretendíamos.

A pesquisa foi realizada seguindo todas as normas da comissão de ética da Universidade PUC/SP.

A metodologia utilizada para a análise dos dados e dos resultados obtidos foi de acordo com a abordagem qualitativa e o referencial teórico utilizado foi o da abordagem psicológica Sócio-histórica.

CAPÍTULO I - As ONGs - Organizações não governamentais

Em âmbito mundial, a expressão surgiu pela primeira vez na Organização das Nações Unidas (ONU), após a Segunda Guerra Mundial, com o uso da denominação em inglês “*Non-Governmental Organizations (NGOs)*”, para designar um universo amplo de instituições, cujo único elemento comum era o fato de auto-reconhecer-se como distintas do Estado e das instâncias governamentais. (Carvalho, 1995).

Foi a partir da Década de 70 que segundo Carvalho (1995) as Organizações não Governamentais estabeleceram-se nos países desenvolvidos e se espalharam ao redor do mundo visando:

responder às demandas legítimas de governabilidade de seus associados, que não viam atendidos pelos canais burocráticos estatais ou privados, incapazes de encompassar as novas camadas sociais oriundas do aumento demográfico da população em escala mundial. (p.13).

A ausência do governo em áreas como serviços de saúde básica, educação, moradia e trabalho, juntamente com a idéia da autogovernabilidade impulsionaram a organização de grupos que começavam administrar a vida comunitária.

Nos anos 80 nos Estados Unidos, em Chicago, o poder social era tomado como alternativa ao poder político, considerado fragilizado, corrupto e ilegítimo, para representar as demandas da cidadania. Tal fato impulsionava um sentimento generalizado de autogoverno. (Carvalho, 1995). Nesta comunidade ao adotarem formas participativas de democracia e horizontalidade da autoridade interna, observava-se um modelo parecido com o que algum tempo depois foi chamado de organizações não-governamentais.

Na Europa, por sua vez, havia uma tradição no humanismo das organizações filantrópicas voluntárias. Associações religiosas e missionárias, ativistas pacifistas, pessoas que trabalham a favor do mundo, centenas de Ongs internacionais (INGOs) eram formadas.

Para Carvalho (1995) as ONGs não somente se generalizaram no modo de organização, mas transformaram-se em nova forma de governo das massas contemporâneas, podendo ser classificada como um terceiro setor a acrescentar-se ao Estado e ao mercado.

Nos anos 90, segundo a autora, as ONGs começam a atuar no sentido de formar governabilidade global, devido ao fenômeno da globalização e pelo aumento da velocidade da informação caracterizado pelo advento da Internet, proporcionando a possibilidade de novas territorialidades.

As ongs se caracterizam pela negação, por serem antigoverno, antiburocracia, antilucro. Ao se colocarem como entidade reativa, se distinguem das políticas governamentais e da função de atendimento ao público incorporada pelas grandes empresas multinacionais modernas. Fica claro que a iniciativa pública da cidadania se constitui numa governabilidade própria. (Carvalho, 1995, p.23).

As ONGs no Brasil

Para falarmos em ONGs no contexto brasileiro entendemos ser importante repensar sobre o surgimento de sua designação. Koga (1995) aponta o caráter vago com que a Constituição das Nações Unidas fazia menção às ditas Organizações não Governamentais na época do surgimento do termo: *Organizações com as quais podem consultar o Conselho Econômico e Social deste Organismo, assuntos referidos a temas de sua Competência.* (Nações Unidas, *apud* Koga, 1995, p.65).

A autora considera a designação vaga, pois ao mesmo tempo em que permite uma abertura à sociedade organizada junto a ONU, não discrimina quem são, ou quem faz parte deste universo. Portanto, neste momento nasce para identificar qual o tipo de relação seriam estabelecidas entre ONU e ONGs.

Na ocasião, tais relações foram designadas como sendo de cooperação para o desenvolvimento, o que para Koga (1995) traria uma marca de positividade, uma vez que a palavra cooperação traz em si um significado de partilha que para o contexto representa uma aliança para além da instância governamental e desenvolvimento que representa uma mudança para melhor.

Foi "no Brasil da década de 70 que vimos nascer as primeiras organizações que viriam a oferecer programas para tentar suprir em partes o que o estado não provia" (Carvalho, 1995, p. 3).

Landim (1993), ressalta que tais organizações eram, principalmente, compostas por indivíduos de três segmentos da sociedade: os militantes de esquerda, os universitários e os militantes da igreja.

Neste período, dentre as organizações, algumas surgiram como alternativa para a busca de trabalho, uma vez que os campos profissionais tradicionais pareciam estar fechados, e outras investiam na continuidade de trabalhos inseridos na linha da educação popular, desenvolvida desde a década de 50 pelos chamados Centros de Educação. No entanto, os participantes encontravam nestes espaços, uma forma de resistência política a então repressão imposta pelos militares e por isso atuavam numa posição de semiclandestinidade.

Para Trevisol (1998) a clandestinidade das ONGs era a melhor ou a única forma de se evitar as práticas repressivas do governo militar. Porém, diante deste silêncio imposto estas organizações foram construindo uma forma de trabalho, (...) "*molecular, distante do Estado e próximo da sociedade*" (...) (p. 111).

Neste quadro outros atores se fizeram presentes como, a Igreja, principalmente a Católica, e as agências de cooperação internacional, que exerciam um papel fundamental na constituição e fortalecimento das ONGs.

A igreja abrigou muitas ONGs, oferecendo: espaço físico para o funcionamento de muitas delas; encontros e cursos de formação para seu pessoal; auxílio na articulação com agências de cooperação internacional e demais igrejas para busca de recursos; sua linguagem, símbolos e estrutura na busca de aumentar a credibilidade das ONGs junto à sociedade e grupos sociais organizados. (Trevisol, 1998).

E, conforme o autor, as agências de cooperação internacional também não pertencentes ao governo ou a empresas, possuíam ideologias distintas das do governo brasileiro da época, e encontraram nas ONGs uma série de características que possibilitaram a parceria no desenvolvimento de diversos projetos de cunho social que atendiam aos interesses de ambas.

Podemos então dizer que na década de 70 as ONGs desempenhavam um papel de mediadores dos movimentos sociais e de apoio às causas populares, no sentido da luta pela democratização da sociedade brasileira.

Na década de 80, segundo Fraga (2002) fatores políticos e sociais como, o fim do Regime Militar e as mudanças sociais de uma sociedade envolta em graves crises, apresentou no campo das ONGs uma série de conseqüências: o aumento significativo do número das instituições que se denominavam no campo da luta por melhores condições de vida e por acesso à cidadania; transformações nas relações com o Estado e com os movimentos sociais e; alterações nas temáticas e prioridades sociais de seus trabalhos.

Segundo o autor neste período houve uma proliferação de instituições que desenvolviam trabalhos voltados para novas temáticas: meio ambiente; crianças e adolescentes; discriminação de minorias étnicas e sexuais; entre outras, uma vez que com o fim do regime ditatorial militar a questão sindical e da organização dos movimentos populares de bairros ganhavam novos contornos devido à liberdade para a organização dos sindicatos e a maior expressividade do movimento de bairro. Com isso, as ONGs aos poucos foram abandonando estas temáticas e, portanto sua relação com o Estado, que outrora não existia, passa por transformações.

Na década de 90, conforme Koga (1995) e Fraga (2002), as ONGs brasileiras começam a se formar a partir dos centros de assessoria dos chamados "movimentos populares" recebendo apoio dos governos civis e respaldo constitucional. O campo das ONGs brasileiras sofre, o efeito de mudanças ocorridas nas conjunturas nacional e internacional. As mais antigas, fundadas antes da década de 80, aos poucos foram se profissionalizando, e as surgidas após este período, praticamente já nasceram com esta perspectiva.

É neste período que se vê uma clara substituição das tarefas que deveriam ser de organismos estatais pela das ONGs, o que para Fraga (2002) caracteriza um esvaziamento do compromisso e do papel do estado na área social.

Koga (1995) aponta que junto com o ideal de autonomia em relação ao Estado e da "opção" pelos setores desprivilegiados da população, emergia uma outra questão; a questão do conflito de classe, pois tais organizações eram formadas em sua maioria, por indivíduos advindos das chamadas classes médias. Portanto, para a autora o caráter de classe do universo das ONGs compõe sua própria identidade como intermediadoras de interesses de classes.

No entanto, a aproximação destas organizações com o Estado, não se deu apenas no Brasil, porém em nossa realidade elas ganharam contornos específicos.

Muito se pode falar sobre este tema, porém a falta de tempo restringe o aprofundamento de questões polêmicas, no momento. É importante ressaltar, conforme Koga (1995) que não podemos negar que haja contradições nas visões sobre as ONGs. Porém não devemos massificar o universo das ONGs colocando-as num mesmo referencial de identidade desconsiderando-se a própria complexidade deste universo, onde é possível perceber valores e práticas distintas. É a partir da (...) "dessacralização deste universo que se pode vislumbrar a identificação do que se tratam as ONGs".(...) (p.98).

Conforme Ciconello (2006) conhecer o conjunto de ações realizadas pelas ONGs, possibilita o reconhecimento das mesmas como sujeito político que reflete e atua ao mesmo tempo as dinâmicas sociais em que estamos inseridos.

Foi a partir do interesse de responder meu problema de pesquisa e o interesse de entrar em contato com o trabalho realizado por uma Organização não Governamental que surgiu a idéia de trabalhar com os adolescentes que freqüentam a Associação Cidade Escola Aprendiz.

CAPÍTULO II - Adolescência e participação social

As concepções sobre a adolescência na psicologia

No decurso do estudo de teorias psicológicas sobre a adolescência observamos que as concepções vigentes sobre a adolescência falam desta etapa da vida com uma visão naturalista e universalizante. Desta visão um aspecto que podemos destacar é aquele que identifica o comportamento do adolescente como patológico (...) *"a adolescência é mais do que uma etapa estável, pois é processo e desenvolvimento; e sua aparente patologia precisa ser admitida e compreendida"*.(...) (Campos, 2002, p.116).

Em contraposição encontramos na proposta da psicologia Sócio-histórica, uma concepção histórica e social, mostrando que esta etapa deve ser compreendida a partir da sua inserção na totalidade em que foi produzida.

Porém, é a representação do adolescente como aquele que apresenta comportamentos instáveis, com freqüentes crises de identidade, apresentando conflitos intensos em relação consigo e com o social, que está difundida em grande parte desta literatura.

Na psicologia dentre os primeiros teóricos que falaram sobre a adolescência destacamos o psicanalista Stanley Hall que definiu a adolescência (...) *"como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculados à sexualidade"* (...) (Stanley Hall, apud Aguiar, Bock & Ozella 2001, p 163). Somados a esta idéia, conforme aponta Fleming (1994), psicanalistas como P. Blos e Anna Freud também concebiam a adolescência como um período de conflito sexual e de turbulência emocional.

Muitas referências produzidas nos últimos anos sobre adolescência, como, por exemplo, Osório (1989) parecem sofrer a influência de autores que estudam a adolescência como um fenômeno que mantém uma relação direta e inevitável com as transformações orgânicas pelas quais cada um passa com o final de sua infância e entrada na vida adulta. Entendendo, desta forma, a adolescência como o conjunto de transformações psicológicas que acompanham o fenômeno biológico da puberdade. *"a adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. Nela culmina todo processo maturativo biopsossocial do indivíduo"*.(...) (pg.10).

Para Osório (1989), a adolescência é o período da vida, onde o jovem tem a tarefa "psicológica" da aquisição do sentimento de identidade pessoal. E afirma que o adolescente passa por uma fase caracterizada por crises, crise de valores e de identidade. Estas crises aparecem como condição para o desenvolvimento do indivíduo o que dá a ela uma condição universal e ainda afirma, que (...) "*sem rebeldia e sem contestação não há adolescência normal*" (...) (p. 47).

De acordo com Ozella (2002), na América Latina Aberastury e Knobel são um marco histórico no estudo da adolescência na perspectiva psicanalítica. Aberastury, por exemplo, concebe a adolescência como "*um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social*" (Aberastury, 1981, p.13), o que parece configurar o que Knobel denomina na mesma obra a chamada "crise essencial da adolescência".(Knobel, p.10).

Aberastury, assim como Knobel, não descarta a importância do campo social neste processo, "*A inserção no mundo social do adulto ... é o que vai definindo sua personalidade e sua ideologia*" (Aberastury, p.17). Porém, a interferência do mundo externo parece ocorrer mais no sentido de impor uma determinada adaptação ao sujeito, como exterioridade, do que participar das mudanças subjetivas.

Erikson (1976) ressalta que o adolescente precisa de segurança frente a todas as transformações físicas e psicológicas do período. Essa segurança, segundo o autor o jovem encontra na sua identidade, que foi construída por seu ego nos estágios anteriores de sua vida.

Esse sentimento de identidade se expressa quando o adolescente se pergunta: *Sou diferente dos meus pais? O que sou? O que quero ser?* E será respondendo a essas questões que o adolescente pretende se encaixar em algum papel na sociedade. Daí vem à questão da escolha vocacional, dos grupos que frequenta, de suas metas para o futuro, da escolha do par, etc.

Segundo Erikson (1976) toda a preocupação do adolescente em encontrar um papel social provoca uma confusão de identidade. E afirma que toda a preocupação que o adolescente tem com a opinião alheia faz com que modifique o tempo todo suas atitudes, mudando de lado (opinião) muitas vezes

em um período muito curto, podendo, estas mudanças serem comparadas ao mesmo ritmo das transformações do corpo destes jovens.

O mesmo autor também afirma que o ser humano mantém suas defesas para sobreviver. Ao sinal de qualquer problema, procura se defender. Nesta confusão de identidade, o adolescente pode se sentir vazio, isolado, ansioso, sentindo-se também, muitas vezes, incapaz de se encaixar no mundo adulto.

Segundo Ozella (2002) é Debesse um dos autores que mais claramente coloca a posição naturalista e universal sobre a adolescência. Em seus escritos ele aponta a adolescência como sendo um período de transição entre a infância e a vida adulta que possui uma mentalidade, ou seja, um psiquismo, próprio e característico desta fase.

Como vimos, esta visão naturalista que traz a idéia de que a adolescência trata-se de uma fase pré-determinada e universal que todos os indivíduos passam de forma inevitável, desconsidera o processo de construção sob condições histórico-culturais-sociais específicas.

Acredito que devemos entender a adolescência:

como constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas dos grupos sociais e olhar e compreender suas características como características que vão se constituindo no processo (...) Os modelos estarão sendo transmitidos nas relações sociais, através dos meios de comunicação, na literatura e através das lições dadas pela psicologia. (Aguiar, Bock & Ozella, 2001:171, apud Ozella, 2003, p.20).

Como afirma Bock (2004):

A psicologia não pode mais se manter divulgando e reforçando estas visões, pois não contribui para a construção de políticas sociais adequadas para a juventude (...) Enfim, a visão naturalizante da adolescência (...) é uma visão que impede a construção de uma política social adequada para que os jovens possam inserir-se na sociedade como parceiros sociais fortes, criativos, cheios de projetos de futuro. (p. 39).

A autora coloca na mesma obra que:

Pensar a juventude como uma manifestação da natureza humana é desvalorizá-la e condená-la à identificação com

modelos vazios em termos de inserção na sociedade.
(pg.39).

É na tentativa de superação desta visão que a psicologia Sócio-histórica repensa a concepção da adolescência como veremos a seguir.

Adolescência na visão da psicologia Sócio-histórica

A proposta teórica da psicologia Sócio-histórica é buscar uma saída para superar a visão patológica e naturalizante da adolescência que encontramos na psicologia.

De acordo com Ozella (2002) esta saída é na superação da visão que enxerga:

a adolescência como uma fase natural do desenvolvimento apontando nela características naturais como rebeldia, desequilíbrios e instabilidades, lutos e crises de identidade, instabilidade de afetos, busca de si mesmo, tendência grupal, necessidade de fantasiar, crises religiosas, flutuações de humor e contradições sucessivas (p.20).

Segundo o mesmo autor, para a psicologia Sócio-histórica a adolescência não é um período natural do desenvolvimento, e sim um momento significado e interpretado pelo homem. Ela (...) *é criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto ato social e psicológico (...)* (p. 21).

Nesta abordagem, para estudar a adolescência, devemos fazer a pergunta: "Como se constituiu historicamente este período do desenvolvimento", pois desta maneira é possível compreender este fato a partir da sua inserção na totalidade, na qual foi produzido, pois isto foi o que lhe produziu e lhe deu sentido.

Dentre os autores que falam sobre a adolescência para a psicologia Sócio-histórica destacamos a contribuição de Bock que afirma, como Ozella (2002), que a adolescência foi um fenômeno criado pelo homem, pois,

fatos sociais vão surgindo nas relações sociais e na vida material dos homens; vai se destacando como fenômeno social e vai apresentando suas repercussões

psicológicas; vai sendo construído um significado social
(Bock, 2004, p. 40).

Ambos autores, Ozella e Bock destacam em seus trabalhos que não podemos negar as transformações decorrentes do desenvolvimento biológico próprios desta fase da vida do indivíduo, porém não são somente essas mudanças no corpo que vão compor e determinar o psicológico a subjetividade destes jovens. Uma vez que as características fisiológicas aparecem e recebem significados da sociedade. Ozella (2002) exemplifica isto, apontando a questão das mudanças físicas que acontecem no corpo dos jovens, que apesar de ter seu caráter biológico, é atravessado pelo social. Hoje, o seio da menina não aparece mais apenas como possibilidade de amamentar seu filho no futuro, mas como um componente em seu corpo que a transforma mais sedutora e sensual.

O autor frisa a importância de termos claro que o jovem se coloca nas relações sociais com suas características pessoais e seu corpo, e que, portanto:

o subjetivo não é igual ao social "(...). (...)" Há um trabalho de construção realizado pelo indivíduo e há um mundo psíquico de origem social, mas que possui uma dinâmica e uma estrutura própria. (Ozella, 2002, p. 21).

Como já vimos à psicologia Sócio-histórica nega a idéia de que a adolescência seja uma etapa natural do desenvolvimento do indivíduo, e como tal nega que seja uma etapa entre a vida adulta e a infância produzindo uma espécie de "latência natural" (grifo meu). Pelo contrário, conforme Clímaco (1991), há fatores sociais, culturais e econômicos em sua construção.

Em Ozella (2002) o autor coloca a contribuição de Clímaco sobre a construção histórica da adolescência em seu trabalho. Clímaco levanta que após a revolução industrial a forma de vida sofreu várias modificações, com a sofisticação do ponto de vista tecnológico surgiu a necessidade de uma formação mais prolongada. É na escola que é adquirida esta formação, e conseqüentemente é nela que se observou uma concentração de jovens. Isto dentre outros problemas estruturais do novo modo de vida, como por exemplo, o desemprego que também gerou o afastando temporariamente do trabalho.

Estas novas exigências sociais trouxeram como conseqüência a extensão do período escolar e o distanciamento dos pais e da família, além da aproximação dos outros jovens na mesma situação. É então a partir deste quadro social e histórico que vemos a criação de um novo grupo social a juventude/ adolescência.

Para Ozella (2002), as marcas do corpo e as possibilidades na relação com os adultos vão fazendo parte da construção das significações que se constitui nesta vivência. Para o autor:

É dessa relação e de sua vivência, enquanto contradição, que se retirará grande parte das significações que compõem a adolescência: a rebeldia, a moratória, a instabilidade, a busca de identidade e os conflitos. (p. 22).

Desta forma Aguiar, Bock e Ozella (2001) destaca que a compreensão adotada pela psicologia Sócio-histórica sobre a adolescência não entende este fenômeno como naturalizante, universal e a-histórico, mas aceita a sua existência enquanto fato social, experiência construída nas relações sociais que se constitui para a construção da identidade dos jovens.

A Participação Social da Adolescência

Segundo a visão naturalista da adolescência todos os jovens passariam pelas mesmas etapas, com conflitos e episódios patológicos, de forma similar uma vez que esta fase da vida tem caráter universal.

Porém, a partir da perspectiva histórica de nosso País, será que podemos afirmar que os indivíduos que viveram sua juventude na Década de 50, e "sentiam admiração pelo estilo *beat* dos jovens americanos valorizando a espontaneidade e a natureza da expansão de percepção". (...) (Carmo, 2003, p. 19) são os mesmos que viveram na década de 60?

Nesta década, a nostalgia cultural vigente cedia espaço para as revoltas estudantis, que como vários países da Europa, América Latina, Estados Unidos e Japão também estavam presentes na realidade dos jovens brasileiros.

(...) "*As condições materiais da sociedade moderna dos anos 60 colocaram a exigência de uma associação do conceito de juventude ao de classe*" (...) (Sousa, 1999, p.36). Na América Latina, víamos isto no

comportamento político dos jovens de classe média. Por outro lado, os jovens das classes populares, dividiam-se, entre aqueles que entravam muito cedo no mercado de trabalho e aqueles que viam na educação formal como único recurso para a mobilidade social, além dos que combinavam trabalho com escola.

Segundo Sousa (1999) o movimento estudantil dos anos 60 denunciou a marginalização e os distanciamentos das funções das universidades. E isto trouxe como conseqüência no primeiro momento a luta pelos ideais, dentro das instituições, e posteriormente uma ampliação das reivindicações para além do âmbito institucional. Como por exemplo, se colocando como o "porta-voz" das camadas populares, que para esses jovens: (...) "*sofrem com a exploração capitalista*". (...) (p.38).

Conforme o autor neste momento o jovem estudante tenta transformar o movimento estudantil em movimento revolucionário, mas depara-se com um paradoxo, uma vez que suas reivindicações compartilham com: (...) "*aspirações de uma camada em ascensão*" (...). (p.38).

Este paradoxo, segundo Sousa (1999), seria pelo fato dos jovens estudantes deste movimento revolucionário serem procedentes de famílias de classe média e suas reivindicações eram de críticas contra o governo e a própria classe média.

A trajetória política da juventude brasileira pode ser acompanhada pela história da UNE (União Nacional dos Estudantes) que viveu junto com toda a sociedade brasileira, as inquietações sociais, greves, golpes, crises econômicas e reivindicações civis.

A segunda metade dos anos 60 foi marcada pela grande repressão ao movimento estudantil, obrigando organizações estudantis viverem a na clandestinidade. Nos anos que se seguiram até o início dos anos 70 a repressão aos movimentos estudantis dos jovens culmina no AI-5 e no decreto 477: (...) "*que visava controlar e impedir a ação política dos estudantes, restauravam o recuo massivo, tornando o movimento exposto e vulnerável*". (...) (p. 40).

O início da década de 70 foi marcada pelo regime político autoritário que utilizava métodos cruéis de repressão sob alegação da proteção do cidadão

comum gerando a desarticulação das organizações ditas de esquerda, e ausência dos setores populares.

Foi na segunda metade da década de 70 que, após vários atos arbitrários, como (...) "*a cassação de deputados e anulação de mandatos, e, sobretudo o decreto de recesso temporário do Congresso, que promulgou, em 14 de abril, a constituição de 69*" (...) (p.44), que a sociedade civil reage e colocam em pauta questões sobre a democracia.

A abertura política, em meados da década de 80, era precedente para a geração seguinte que carregaria, segundo Sousa (1999), as sérias marcas de uma sociabilidade fragmentada e repleta de inseguranças. Segundo o autor os regimes políticos latino-americanos demonstraram que o autoritarismo desencadeou uma brutalidade em todos níveis da vida social que disseminou o individualismo e a falta de solidariedade na vida cotidiana.

Segundo o autor, a promulgação da Constituição Federal, na década de 80, permitiu que a abertura democrática se tornasse uma realidade.

Conforme Sousa (1999) para os movimentos sociais pela infância brasileira, a década de 80 representou também importantes e decisivas conquistas. Foi nesta época que o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) nasceu fundamentado na Constituição Cidadã de 1988 que, em seus artigos 227 e 228, implementou a revogação do Código de Menores, afirmando a criança como sujeito de direito e inimputável antes dos 18 anos de idade. A Lei 8.069 de 1990 dava novos e amplos direitos às crianças e aos adolescentes, que passariam a "*ser percebido como sujeito de direitos*".(p.25)

Muitas das entidades vindas dos movimentos da sociedade civil como grupos de apoio aos desfavorecidos advindos das igrejas e organizações sem fins lucrativos surgiram em meados da década de 80 e tiveram uma participação fundamental na construção do arcabouço legal que temos hoje.

Sousa (1999) ainda coloca que este período significou o encontro do Brasil com a modernidade que afetou radicalmente a composição e o sistema de orientação das classes populares, que marcam nossa sociedade até hoje, e que gerou atores sociais e ocupações modernas.

O trabalho passou a ser uma realidade para a parcela jovem da população (...) os jovens estudantes,

ginasiados, secundarista ou universitário e os jovens trabalhadores, subocupados ou desocupados, pertenciam a setores sociais distintos. Os primeiros pertenciam a setores médio e alto; e os segundos, aos setores pobres e populares. (p.45).

Nesta década a combinação escola-trabalho tornou-se uma realidade para a população jovem brasileira. Segundo a autora o número de trabalhadores adolescentes era muito maior do que de crianças, e eles trabalhavam diferente: a grande maioria trabalhava nas áreas urbanas. Sendo que 90% dos jovens que completavam a maioridade estavam no mercado de trabalho.

A autora acrescenta que a instabilidade trazida pelos governos anteriores, o descrédito da autoridade pública e o enfraquecimento dos partidos políticos que se diziam democráticos davam a década de 90 uma característica a sociedade brasileira: "cristalizava-se uma cultura individualista".

A juventude dos anos 90 buscava novas formas de estabelecer sua territorialidade, uma vez que o período dos movimentos estudantis já não existia mais e alguns jovens agora pareciam, como afirma Sousa (1999), desterritorializados do espaço tradicional da política para se localizarem em outros lugares, como o dos movimentos populares urbanos.

Nesta década, de outras realidades políticas e econômicas, o Brasil assistiu nos dois primeiros anos do primeiro governo civil eleito pós-ditadura o renascimento político da juventude estudantil e trabalhadora. Isto se deu no processo de *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello. Estas manifestações foram episódicas e deixou claro, segundo a autora, o quanto o imediatismo, em certos momentos da história brasileira, predomina na decisão política do indivíduo.

Apesar de um passado marcado por reivindicações e protestos contra os agentes que exerciam o controle político, nos anos 90 os jovens pareciam procurar outros meios de imprimir à sua presença social. E apesar da participação do jovem nas passeatas de processo que pedia o *impeachment* do Presidente da República, o episódio foi esporádico, segundo Sousa (1999) a desagregação organizativa dos segmentos sociais levou a busca a busca de

novos espaços de atuação, mas carregou o individualismo como comportamento marcante.

E nos dias de hoje como está o jovem, sócio e politicamente?

Em Vannuchi & Novaes (2004) o professor de economia Mario Pochmann levanta a questão da diversidade juvenil nas sociedades atuais de classe. Ele aponta que no Brasil apesar da fase juvenil estar presente em todas as classes sociais, ela não ocorre da mesma forma para todos. A diferença econômica faz com que jovens provenientes de uma classe social com baixa renda e poder econômico ingressem muito cedo no mercado do trabalho, o que conseqüentemente, faz com que esta parcela da população jovem não consiga se desenvolver nos estudos e acabem ficando com baixa escolaridade. Isto por sua vez, acaba levando a esta parcela a vir ocupar vagas no mercado de trabalho de menor remuneração, quase sempre conjugadas composições de subordinação no interior da hierarquia no trabalho.

Por outro lado, famílias de classes média e alta possuem, em geral, condição de manterem seus filhos por mais tempo na escola o que ocasiona a elevação da escolaridade e a postergação ao ingresso de trabalho. E isto, contrariamente ao que acontece aos jovens de classe social mais baixa, acaba ocasionando a eles melhores remuneração e postos de chefia no interior da hierarquia do trabalho.

A quem cabe a proteção social destes jovens pobres descritos acima que como colocado por Pochmann encontra-se num círculo vicioso que dificilmente pode ser quebrado? A socióloga Amélia Cohn em Vannuchi & Novaes (2004) coloca a deficiência das políticas públicas em nosso País, uma vez que aqui os vínculos específicos de expansão dos direitos sociais à situação dos indivíduos no mercado de trabalho proporcionam a marginalização dos jovens da rede de proteção social.

O modelo de proteção social vinculado ao trabalho que permaneceu vigente até o final da dec. de 80, segundo Cohn, tinha a tradição de voltar suas políticas para dois públicos alvos - os pagantes e os não pagantes.

Os pagantes eram representados pelos trabalhadores que tinham direito a seguridade social, pois pagavam os impostos como, o INPS, FGTS, PIS entre outros. Os não pagantes eram representados pelas crianças, gestantes, portadores de deficiência físicos e idosos.

Os jovens, que seriam considerados os representantes da esperança do nosso futuro, não entram neste modelo, portanto não tinham a proteção social garantida por lei.

Segundo a autora, este modelo tinha o desafio, de construir e implementar políticas de Estado que detectassem as novas formas possíveis de inserção social dos indivíduos que não pela via do trabalho.

Inovar esta equação de maneira a formular políticas sociais para que todos os jovens possam competir com igualdade, focalizada de forma articulada entre si e pautada pelas premissas dos direitos sociais é um dos grandes desafios na atualidade.

Porém, enquanto o Estado articula-se a fim de criar políticas públicas que venham suprir algumas necessidades dos indivíduos, a sociedade civil se organizou de maneira a se articular, e através das ONGs (Organizações não-Governamentais) mostra seu inconformismo com ideais de autonomia em relação ao Estado.

Carvalho (1995) coloca que as organizações não-governamentais cresceram e se consolidaram no Brasil após os períodos conturbados da era militar (anos 80). Mais recentemente, uma outra designação a estas organizações civis surgiu: o "Terceiro Setor" que surgiu para designar as organizações da sociedade civil sem fins lucrativos a partir do início dos anos 90.

Como vimos acima, o conceito de Terceiro Setor é novo, é uma proposta de experimentação social, que tenta conjuntamente reunir instituições muito diversas e essa experimentação, que segundo a autora, só poderá ter resultados positivos com uma nova proposta de relação do Estado com a sociedade civil.

CAPÍTULO III - A psicologia Sócio-histórica

Foi Vygotsky, juntamente com seus colaboradores diretos, Luria e Leontiev, que após a revolução russa de 1917 elaborou a constituição de um projeto de psicologia que atendessem às necessidades emergentes na nação russa que acabava de nascer.

De acordo com Lucci (2006), o panorama social da Rússia no pós-revolução foi marcado por inúmeros problemas de ordem econômica e social, como a escassez de alimentos, que penalizou sua população com um longo período de fome e um alto índice de analfabetismo que girava em torno de 70%.

Conforme Cole e Scribner² (1991), a psicologia Russa, assim como a Européia, até a segunda metade do séc. XIX movia-se entre escolas antagônicas que designavam a filosofia o estudo da alma e ao estudo científico do homem, o seu corpo físico. Cada uma preocupava-se e procurava oferecer explicações parciais para alguns fenômenos. Apesar de até hoje ainda haver conflitos entre estas abordagens foi a partir da segunda metade do séc. XIX que os termos das discussões foram mudando e estas mudanças foram influenciadas por obras de autores, que apesar de não serem psicólogos, como Darwin, Fechner e Sechenov, traziam em suas obras questões centrais que preocupariam esta jovem ciência.

De acordo com os autores Vygotsky impôs-se a tarefa de fornecer bases firmes para o estabelecimento de uma teoria unificada dos processos psicológicos humanos. Para Lucci (2006) Vygotsky entendia que a psicologia estaria passando por uma crise e para superá-la, propõe, com sua teoria, a superação da visão dualista da psicologia da época. Para tanto, constrói uma teoria tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada histórico-social.

² Cole e Scribner - Introdução. In Vygotsky: **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos** - São Paulo: Martins Fontes, 1991.

O que Vygotsky procurou foi uma abordagem abrangente que possibilitasse a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores (...) Para Scribner e Cole esta explicação:

deveria incluir a identificação dos mecanismos cerebrais subjacentes a uma determinada função; a explicação detalhada da sua história ao longo do desenvolvimento, com o objetivo de estabelecer as relações entre formas simples e complexas daquilo que aparentava ser o mesmo comportamento; e, de forma importante, deveria incluir a especificação do contexto social em que se deu o desenvolvimento do comportamento. (Vygotsky, 1991.p.6.)

A teoria proposta por Vygotsky era baseada conforme Lucci (2004) (...) *"no método e nos princípios do materialismo dialético" (...) (p.105).*

O materialismo histórico e dialético pressupõe, conforme a concepção materialista, que a realidade material tem existência independente em relação à idéia, ao pensamento, à razão. Marx, em "A ideologia Alemã" expõe de forma sistemática os princípios do materialismo histórico afirmando que:

As premissas de que partimos não constituem bases arbitrárias, nem dogmas, são antes bases reais de que só é possível abstrair no âmbito da imaginação. As nossas premissas são os indivíduos reais, sua ação e as suas condições materiais de existência. (Marx K., Engels, F, 1980, p.18).

A concepção dialética pressupõe, conforme aponta Gonçalves e Bock (2003), que a contradição é a característica fundamental de tudo que existe, de todas as coisas; que a contradição e sua superação constante é à base do movimento de transformação constante da realidade, que em um mesmo processo o indivíduo forma e transforma a sociedade e, concomitantemente, é constituído e modificado em seu âmago.

A concepção histórica pressupõe que a sociedade e a história só podem ser compreendidas através das concepções materialista e dialética, uma vez que a história deve ser analisada a partir de uma realidade concreta e não a partir de idéias, e, esta deve ter por base a contradição.

O materialismo histórico, como já colocado, é uma abordagem metodológica que entende o homem como um ser ativo, social e histórico.

Conforme Gonçalves (2003), este homem define-se a partir de sua ação concreta: Homem e sociedade são constituídos concomitantemente, essa ação está inserida em um contexto de relações materiais que obedecem a leis objetivas. Nesse sentido, o homem determina e é determinado pela sociedade. Ao agir sobre o mundo o homem modifica o mundo e ao mesmo tempo é modificado por ele.

A psicologia Sócio-histórica teve como base para sua teoria o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico. O objeto de estudo desta teoria é a consciência, e para explicá-la é importante estudarmos as funções psicológicas dos indivíduos, as quais classifica como elementares e superiores.

Para falarmos dela, consciência, dentro desta abordagem temos que adotar uma visão que acredita no indivíduo concreto, determinado histórico e socialmente, que é atravessado pela sociedade e por isto, não deve ser compreendido independente de suas relações e de seus vínculos.

Para melhor compreensão da idéia que o indivíduo é concreto e determinado histórico e socialmente, Aguiar (2000) sugere que ao postularmos que o homem possui uma condição humana queremos dizer que ele é o próprio ator na construção de sua existência. Isto porque a partir de sua ação sobre a realidade o homem vai transformando sua realidade objetiva em realidade humana, e com isto criando sua própria condição de existência e singularidade.

A proposta da psicologia Sócia Histórica é a compreensão do indivíduo em sua singularidade, internalizando e expressando sua condição histórica e social, sua ideologia e relações vividas. E para esta tarefa, ela se debruça em entender em que consiste esta singularidade e como se dá a construção de sua consciência.

Segundo o Vygotsky (1998) a consciência possui um caráter social e histórico, uma vez que sua origem se dá a partir da relação do homem com a realidade objetiva, ligada ao trabalho e à linguagem. A consciência não é linear e nem mecânica, pois é determinada pelas condições sociais e históricas, que se convertem e se transformam em produções simbólicas e singulares.

O processo de transformação da realidade objetiva em produção simbólica e singular é dado pelo processo de internalização. Conforme Aguiar

(2002) a realidade objetiva não depende do homem particular, pois ela já pré-existe, porém esta realidade no processo de internalização, se transforma negando-se enquanto realidade objetiva e passa a ser realidade subjetiva, sem a sua diluição, ou a perda de sua identidade.

As funções psicológicas são produtos da atividade humana e assim como o homem transforma a natureza com sua atividade por meio dos instrumentos, transforma-se a si próprio se formando em uma relação dialética com a realidade social, sem que, no entanto, sua constituição no plano individual se dê como mera transposição do plano social para o individual, mas como resultado de um processo de configuração, em que o indivíduo e sociedade não mantêm uma relação isomórfica entre si. Logo, o plano individual não constitui uma mera transposição do social; o movimento de apropriação envolve a atividade do sujeito, contém a possibilidade do novo, da criação. (Aguiar in Bock, Gonçalves e Furtado (orgs), 2002, p.98).

A produção de idéias, de representações e da consciência está direta e indiretamente ligada à atividade material dos homens. Para a psicologia Sócio-histórica não é a consciência que determina a vida e sim, esta, é determinada pela consciência. Como afirma Leontiev.

O reflexo da realidade objetiva pela consciência não se produz passivamente, mas de maneira ativa, criativa, sobre a base e no decorrer da transformação prática da realidade. (Leontiev apud Aguiar in Bock, Gonçalves e Furtado (orgs), 2002, p.97).

Para Vygotsky, no entanto, a atividade humana não é internalizada em si, e sim como atividade significada, tal como um processo social, mediado semioticamente.

O autor afirma que a consciência é semioticamente estruturada, resultado dos próprios signos, ou seja, de instrumentos construídos pela cultura e pelos outros que, quando internalizados, ou seja, apropriados pelo sujeito se torna parte dele, transformando-se em instrumento interno e subjetivo da relação do indivíduo consigo mesmo. Signo é, pois, entendido neste caso como tudo aquilo que possui um significado e que remete a algo situado fora de si mesmo: é o elemento que integra as funções psíquicas superiores.

Desta forma entendemos signo como instrumento de natureza social que no processo de significação oferece acesso para o contato do indivíduo com o mundo exterior e consigo mesmo.

De acordo com Aguiar (2001) para Vygotsky, a atividade humana não é internalizada em si, ela é significada, como um processo social, mediada pelos signos.

A autora aponta que a consciência se constitui a partir signos que são instrumentos construídos pela cultura e pelos outros que, quando internalizados, se tornam instrumentos internos e subjetivos da relação do indivíduo consigo mesmo. Neste processo o homem vai se constituindo e os processos de dimensão social vão através da mediação e da superação se convertendo em processos de dimensão individual transformando-se num elemento constitutivo do sujeito.

Os processos de internalização da linguagem são importantes para a compreensão da gênese da consciência. Esta busca se dá pela compreensão da atividade de transformação da palavra que apresenta elementos inseparáveis: o pensamento e a linguagem.

Destacamos, então que a linguagem transforma-se em instrumento de constituição do sujeito. Ela é produzida social e historicamente e desempenha um importante papel no desenvolvimento do pensamento.

Para Vygotsky (1998) é por meio das palavras que o pensamento passa a existir.

O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala "(...), ou seja, é expresso externamente. Além disso, (...)" só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele".(...).(p. 151). E o autor também ressalta que (...) "O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer que se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. (p.150).

Sobre linguagem Aguiar (2001) afirmou que nas relações sociais:

a linguagem é o instrumento fundamental para o processo de mediação, onde o homem se individualiza, se humaniza, apreende e materializa o mundo das significações que é construído no processo social e histórico. (p.104).

Esta mediação refere-se ao processo de troca onde o homem incorpora as experiências vividas no mundo externo (realidade concreta) e a significa internalizando e a somando ao seu mundo, dando a ela um sentido.

Ao falar sobre significado, Vygotsky (1998) aponta que ele é parte do sentido, sendo a parte mais estável e precisa dele. E, diferentemente, do sentido possui estabilidade e convencionalidade. Já o sentido é mais complexo, uma vez que é móvel e variável. Sobre a distinção entre sentido e significado o autor cita as idéias de outro autor que afirma: (...) "*o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência*".(...). (Paulhan, *apud* Vygotsky, 1998, p.181).

Sobre a internalização da consciência, ainda é importante dizer, como aponta Aguiar (2001) que a emoção é uma importante dimensão da consciência e apesar de Vygotsky não ter desenvolvido estudos sistemáticos sobre as emoções, ele afirmava que o pensamento e a emoção não podem ser compreendidos separadamente. A consciência constitui a forma como o indivíduo conhece o mundo, (...) "*num trabalho de interpretação da vida, de nós mesmos, da relação com o mundo, através do pensar, do sentir do sonhar*". (Sawaia, 1987 p. 296 *apud* Aguiar, 2002, p.104).

Conforme Gonçalves (2003) compreender os fenômenos sociais a partir da constituição histórica e social dos indivíduos, de sua subjetividade é o que a psicologia Sócio-histórica se propõe a fazer, afim de produzir um conhecimento que compreenda os fenômenos sociais através da dimensão subjetiva procurando compreender o sentido dos fenômenos para o sujeito.

Gonçalves (2003) afirma também que a cisão entre a ação, o pensamento e a emoção, se origina das fraturas sociais provocadas pela desigualdade material, pois esta impede a plena transformação da consciência. Esta cisão impede que o indivíduo se aproprie de maneira autônoma das determinações que o constituem. E com isso (...) "*ao se quebrar a unidade entre pensar, sentir e agir tem-se a alienação psicológica e conseqüentemente a alienação social*".(...). (Sawaia, *Apud* Gonçalves, 2003, p.91).

Estes fenômenos devem ser olhados tanto pela perspectiva da subjetividade dos sujeitos que os constroem, quanto ao processo social e histórico que esta subjetividade foi constituída.

Para a autora a psicologia Sócio-histórica tem se dedicado ao estudo dos mais variados fenômenos sociais e todos estes fenômenos são analisados dentro de sua especificidade e olhados pela perspectiva da subjetividade dos sujeitos que os constroem, negando de antemão a naturalização de qualquer fenômeno social.

Pressupostos metodológicos

O método adotado para análise desta pesquisa foi desenvolvido de acordo com uma abordagem qualitativa cujo referencial teórico é o da abordagem psicológica Sócio-histórica.

Esta pesquisa está fundamentada segundo a teoria de Vygotsky e a de produções de autores mais atuais, que realizaram e aprofundaram estudos nessa área de investigação.

Conforme Freitas (2002) a perspectiva Sócio-histórica, desenvolvida a partir da teoria de Vygotsky assume o materialismo histórico-dialético como uma de suas fundamentações metodológicas. E ainda segundo a autora, esta teoria ao estudar o homem, procura o compreender a partir da relação dialética: natureza e cultura. Neste sentido entende que o homem não pode ser estudado fora de uma relação social.

Segundo Freitas (2002) na pesquisa de abordagem Sócio-histórica não são com os resultados que a pesquisa qualitativa está preocupada, e sim com a obtenção da apreensão dos sentidos que por sua vez é obtido a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação numa relação com o contexto a qual fazem parte.

Em Vygotsky (1991) vimos que não devemos descrever os fenômenos apenas pelos fenótipos (aspectos exteriores) e sim procurar maior aprofundamento da investigação do objeto através da compreensão dos genótipos (aspectos interiores). Quando trabalhamos com a pesquisa qualitativa numa abordagem Sócio-histórica tentamos compreender o fenômeno estudado de forma a abranger os aspectos objetivos e subjetivos, estudando e procurando as relações e integrando o individual com o social.

González Rey (2002) baseando-se nesta perspectiva metodológica propõe que façamos uma interpretação subjetiva do conteúdo apresentado

pelo sujeito através do que ele chamou de unidades constitutivas essências representadas pelos "sentidos subjetivos".

Estes sentidos subjetivos para o autor expressam a diversidade de aspectos objetivos da vida social do sujeito que para o processo de construção dos processos subjetivos, tanto para o social, quanto para o individual deve ser desenvolvido respeitando o processo de constituição subjetiva de cada sujeito e dos seus processos e experiências sociais.

Conforme González Rey (2002), para se chegar à compreensão do pensamento do sujeito e sua subjetividade o principal recurso que temos é a palavra, enquanto unidade básica do discurso. Portanto, é através da palavra que buscaremos o sentido pessoal que é dado à palavra é, conseqüentemente, ao discurso e a fala do sujeito significada.

Para tanto, segundo o autor para se chegar às determinações constitutivas e explicar a produção do sentido temos que considerar dialeticamente a base material e Sócio-histórica presente no processo de transformação do social em psicológico, e, portanto, na constituição do sentido atribuído pelo sujeito.

Para a análise da pesquisa utilizamos o modelo metodológico recomendado por Aguiar e Ozella (2006) que afirmam que apesar dele não ser exclusivo, é fundamental para os objetivos da proposta de pesquisa qualitativa.

Assim como o modelo recomenda transcrevemos a entrevista feita com os sujeitos da pesquisa para que fizéssemos várias leituras flutuantes do material para que, conforme Aguiar e Ozella (2006), "possamos, aos poucos, nos familiarizar, visando a uma apropriação do mesmo".(p.230). Com esta tarefa cumprida organizamos os pré-indicadores, que darão futuramente subsídios para a formação dos núcleos de significação.

Nos pré-indicadores vários temas irão emergir, seja pela repetição na fala do sujeito, seja pela importância enfatizada pelos mesmos, então os filtramos seguindo o critério da relevância para o objetivo da investigação.

A aglutinação dos pré-indicadores foi o passo seguinte realizado, neste processo encontramos os indicadores que foram formados a partir da similaridade dos pré-indicadores.

E, finalmente, chegamos a partir da releitura do material e de sua articulação à organização dos núcleos de significação para, então iniciarmos o

processo de análise que nos instrumentaliza para passar do empírico para o interpretativo. E como afirmam Aguiar e Ozella (2006):

Os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelam as suas determinações constitutivas. (p.231).

Os autores guiados pelo pensamento de Vygotsky pontuam que, na apreensão de sentidos, o pensamento é entendido como sempre emocionado, e que o significado é expresso através da palavra. A partir desta idéia entendemos que o pensamento, portanto é compreendido através da relação de mediação com a linguagem. E ele, pensamento, juntamente com linguagem estabelecem uma relação que implica na compreensão das categorias significado e sentido.

Para Vygotsky (1998) significados podem corresponder, no campo semântico, às relações que a palavra pode encerrar e, no campo psicológico, corresponde a uma generalização. Entendemos, então que os significados são, portanto produções históricas e sociais que nos permite a compartilharmos nossas experiências.

Já os sentidos, segundo o autor se aproxima mais da subjetividade, uma vez que se refere às necessidades que ainda não se realizaram, constituem o sujeito e o mobilizam gerando formas de colocá-los na atividade.

"sentido deve ser entendido, pois, como um ato do homem mediado socialmente". (Aguiar e Ozella, 2006, p.7).

A abordagem metodológica com uma proposta de apreensão de sentidos visa atingir singularidades, ou seja, aquilo que cada um pensa, e que o diferencia do outro. A ênfase está em explicitar os complexos processos que constituem a subjetividade dos sujeitos, cujos elementos estão implicados ao mesmo tempo em diferentes processos formado num todo.

De acordo com Gonzalez Rey, é de extrema necessidade avançarmos na compreensão da complexidade da ação social dos sujeitos. O processo da apreensão dos sentidos subjetivos é histórico e mediado. Este processo exige maneiras para que consigamos dar conta dos sentidos das palavras, suas contradições e recursividade das questões subjetivas. Este modelo é

denominado pelo autor como epistemologia qualitativa, que tem como foco a busca pela:

produção de conhecimento em psicologia que permita a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana. (Gonzalez Rey, 2002, p.38).

Para tanto, o desenvolvimento de uma pesquisa de epistemologia qualitativa apresenta três princípios fundamentais a serem considerados: 1) ênfase no conhecimento como produção construtiva interpretativa: necessidade de dar sentido a expressões do sujeito estudado; 2) significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento: resgate a individualidade/singularidade; e 3) caráter interativo do processo de produção do conhecimento: relações pesquisador/pesquisado.

Compreendo, portanto que trabalhar com a pesquisa qualitativa numa abordagem Sócio-histórica consiste na preocupação em compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando suas possíveis relações e integrando o individual com o social.

Procedimentos Metodológicos

Tendo muito claros os pressupostos metodológicos da psicologia Sócio-histórica escolhi de forma aleatória duas adolescentes que freqüentam a ONG Associação Cidade Escola Aprendiz.

Associação Cidade Escola Aprendiz:

Segundo o portal <http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br>, a Associação Cidade Escola Aprendiz é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que, desde 1997, trabalha com o conceito de educação comunitária.

Localizada num bairro da zona oeste da cidade de São Paulo, a organização desenvolve e sistematiza experiências e programas que ajudam a consolidar a idéia de Bairro-Escola, mecanismo de gestão de trilhas educativas para contribuir com a melhoria da educação pública.

A idéia de Bairro-Escola trata-se de uma rede estruturada a qual a comunidade faz parte, ampliando, segundo os preceitos da associação, as possibilidades de aprendizagem e melhora a qualidade de vida urbana.

Bairro-Escola

Segundo o site da instituição a idéia Bairro-Escola tem como missão integrar os agentes sociais e a comunidade num amplo espaço educativo. Cidades transformadas em comunidades educativas, ampliando as possibilidades de aprendizagem e melhorando a qualidade de vida urbana. Cafés, praças, becos, restaurantes, discotecas, livrarias, entre outros, transformados em salas de aula, construindo assim uma inter-relação com as escolas.

Minha escolha pela instituição escolhida foi guiada, basicamente, por dois motivos. O primeiro foi à intenção de responder a pergunta da pesquisa: "Participar de uma ONG: Qual o sentido para o jovem?". O outro motivo foi pela praticidade para a escolha dos sujeitos da pesquisa, pois a organização localiza-se em uma região de fácil acesso.

A coleta dos dados para análise foi realizada na sede da organização tendo como condição para a participação na pesquisa, o consentimento dos responsáveis pelos jovens através da assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver cópia do TCLE em anexos p.). Neste documento foi assegurado aos participantes as principais características da pesquisa, como justificativa, objetivos e procedimentos, esclarecimentos sobre a metodologia, liberdade de recusar ou retirar o consentimento sem penalização e a garantia de sigilo e privacidade dos participantes.

Os sujeitos são dois adolescentes do sexo feminino; ambas com 17 anos, estudantes do ensino médio do sistema público, freqüentadoras das atividades da organização há cerca de 1 ano e meio a dois, aproximadamente.

Para a coleta dos dados da pesquisa foi realizada entrevista semi-estruturada e gravada para que os dados fossem transcritos com maior fidedignidade.

Este instrumento foi escolhido, pois conforme Freitas (2002), a entrevista em pesquisa qualitativa de cunho sócio-histórico é marcada por uma dimensão social e não se reduz a perguntas e respostas já preparadas. Pois, é através da

palavra que os sentidos são criados e experienciados por ambos, entrevistador e entrevistado.

As entrevistas foram conduzidas com uma jovem de cada vez segundo o seguinte roteiro:

- Contato, critério e escolha da ONG;
- Entrada e tempo de permanência;
- Importância da ONG e na ONG;
- Sua função e atuação na ONG;
- Experiências e mudanças durante sua participação na ONG.

Com o material gravado procedemos de forma a transcrever as entrevistas, para que num segundo momento realizássemos uma leitura flutuante do material.

Com este material nas mãos fizemos a leitura flutuante e procedemos de modo a escolher qual das duas entrevistas seria analisada. A escolha por uma das entrevistas não teve caráter pessoal e o critério utilizado foi apenas o grau de envolvimento que percebemos da jovem.

Escolhida a entrevista procedemos de modo a organizar o material para retirada dos pré-indicadores no primeiro momento, e os indicadores que comporiam os núcleos de significação. Apresentados os núcleos procedemos de maneira a analisá-los e identificarmos qual o sentido e o significado da adolescente em procurar a ONG.

CAPÍTULO IV - Organização e Análise do material e resultado da leitura flutuante

Conforme Aguiar e Ozella (2006) numa pesquisa qualitativa da abordagem psicológica Sócio-histórica, que a finalidade principal é a apreensão de sentidos, a leitura flutuante sobre o material coletado é um importante procedimento a se realizar.

Através da leitura flutuante podemos nos familiarizar e nos apropriarmos do material para que possamos destacar e organizar pré-indicadores e indicadores que nos permitirão construir os núcleos de significação.

A leitura flutuante realizada neste trabalho serviu para identificar as palavras e temas usados com maior frequência, a importância dada às falas, a carga emocional, as contradições e ambivalências.

A entrevista que separamos para analisar é a de J., por entendermos que sua fala melhor se adequou ao propósito de nosso trabalho, porém a fala da primeira entrevistada, B., aparecerá como exemplo, em algum momento de nossa análise para enriquecimento de nossa produção.

Após as leituras flutuantes, encontramos os seguintes pré-indicadores a partir da fala de J.:

Pré-Indicadores:

1. O ócio: Eu vim pra ONG como a B. disse mesmo, pra não ficar em casa sem fazer nada...";..." E eu não quero ficar em casa sem fazer nada...";..." Eu acho muito bom porque, assim, eu tenho uma vida bastante corrida..."

2. Oportunidade: E na verdade, eu falei: eu vou porque é gratuito, né? E eu não quero ficar em casa sem fazer nada. Eu vou ter uma oportunidade lá porque pra pagar cursos assim, são caros, na verdade e não é todo mundo que tem condições financeiras pra isso. Ai eu vim conhecer..."

3. Persistência:...começou a ter bastante dinâmica e mesmo eu odiando, acho que melhorou bastante a minha desenvoltura, porque até então eu era muito tímida, muito presa, muito fechada..." ; "... Porque, eu não gosto de dinâmica. Este negócio que tem vir.. tipo fazer uma rodinha... porque começa com 70 pessoas o trilhas urbanas. E você não conhece ninguém, e tem que ir no meio, falar seu nome, pagar um monte de mico, e fazer um monte de coisas, e eu me sentia presa ...sei lá, eu odiava, mas depois ao longo do tempo eu fui perceber que isto é que me ajudou bastante.

4. Pessoas confiáveis:..."Eu comecei a ter contato com as pessoas"... ; ..."as pessoas são amigáveis, elas te apóiam..." ;..."ter tido bastante amigos, tipo a B. é uma delas"...; "...as pessoas se ajudam um ao outro"... Claro! Sabe aqui é assim. Ou, tipo... A gente tem uma relação maravilhosa com nossa coordenadora. E a gente nem parece, sabe? É apelido, sabe? Gi, não sei, o que. É muito gostoso isso, sabe? A gente pode ter uma relação também super amigável com a diretora do Aprendiz, a Natasha, que é supergente boa.

5. Reconhecimento: E neste mesmo ano surgiu o repórter Aprendiz... né? E que foram selecionados 8 jovens do Trilhas urbanas para fazer parte. Eu fui uma das selecionadas. E foi a melhor coisa que aconteceu..." ;..." E este ano eu fui chamada pra ser monitora. E foi assim que eu conheci o Aprendiz..." ;..." Eu corri atrás aqui do Aprendiz, eu me dediquei bastante. Por isto que eu estou tendo estas oportunidades aqui dentro. Porque eu acho que eu estou crescendo..." ;"... Então, você tem muito espaço. E se você quiser crescer aqui dentro, você consegue é só você dar o melhor de si; que você consegue sabe. Porque as pessoas que estão aqui dentro se preocupam com você com o jovem.

6. Satisfação: Eu fui uma das selecionadas. E foi a melhor coisa que aconteceu...";..." Foi muito legal, tipo, descobrir coisas, discutir pautas, você apurar, ir atrás, entrevistar, sabe? E eu comecei a gostar demais, me dediquei com todo calor que pode haver...";..." verdade, assim, o que disseram é que eu e a B., a gente se destacou bastante...";..." Só que eu sempre chego antes e saio bem mais tarde. E é assim, eu me dedico muito durante a semana..."; Vou pra casa só, tomar banho, comer e dormir. Entendeu? Então, é muito corrido. Só que tem um, porém, sabe? Eu gosto do que eu faço, sabe?"..."Enfim... então, quando a pessoa te impõe alguma coisa, sempre é chato. Mas como eu corri atrás, e tô fazendo o que eu gosto, pra mim, tipo, é um prazer".

7. Responsabilidade: Tipo, eu entrei o ano passado e já sou monitora esse ano. Tem gente que entrou aqui há muito mais tempo e ainda tá no trilhas...";..." Então, eu acho que este ano foi muito bom, porque este ano tá somando muita responsabilidade, sabe? Tá, eu deixei de ser aluna e estou sendo monitora, eu tenho que ter responsabilidade, tipo, o dobro. Tipo, pra mim e para os meus monitorados, pra falar com a coordenadora, com a educadora, tal...

8. Expectativa Familiar: "... Na verdade, se eu não tivesse aqui eu estaria fazendo um cursinho, que é o que o pessoal, meu tio muito quer, assim, e ele até ia pagar pra mim...;..." Eu sempre quis ser muito certinha e eu acho que também pela minha criação. Minha família tem a cabecinha deste tamanho. Você tem que seguir na linha, senão você vai se ferrar..."..." Se eu não tivesse vindo eu ia continuar o que minha família quer, sabe? Que nem, tipo, já propuseram várias vezes eu sair do aprendiz, pra eu fazer só cursinho, mas eu não vou fazer isto porque aqui eu me sinto bem. Porque eu não estaria feliz como eu sou em outro lugar. No meu caso, por exemplo, meu tio queria que eu fizesse cursinho. Tá, eu fiz quatro meses na oitava série. Quase entrei em depressão, porque ficava aquela coisa, sabe?"

9. Dedicação:... "me dediquei com todo calor que pode haver... Mas, quando você... que nem... eu corri atrás. Eu corri atrás aqui do Aprendiz, eu me dediquei bastante. Por isto que eu estou tendo estas oportunidades aqui dentro. Porque eu acho que eu estou crescendo".

10. Liberdade de Expressão: Esse negócio de liberdade, de expressão, você poder pensar e falar: Olha, eu acho isso certo, isso errado. Então eu acho que este ano foi muito bom, porque este ano tá somando muita responsabilidade, sabe?..."; "... Então dar um pouco de espaço, pro jovem ver o que ele quer fazer. Não colocar ele num curso de inglês porque você tem que fazer e acabou..."; "... É, mais as pessoas não se incomodam com isso. Essa nossa amiga de Varginha leva 4 horas de viagem pra chegar na casa dela. E ainda, no caso dela, pra você ver essa diferença, a liberdade. Tá! Aqui, eles dão o curso de comunicação, artes e teatro, ela gosta de bordado, não tem este curso, mas sempre que tem festas, ela traz as coisinhas dela e vende. Então, tá! Só tem estes cursos, mas se você quiser fazer outras coisas você tem total liberdade...".

11. Espaço diferenciado: As pessoas aqui são amigáveis, sabe? Elas te escutam, elas te apóiam, em tudo o que você precisa. É um formigueiro (risos), as pessoas ajudam um ao outro, sabe? Se preocupa. Tipo, se a B. não conseguir fazer uma coisa, J. me ajuda? Então, tem essa coisa diferente. Então aqui, o que acontece... a gente.... eu vou sentir falta disto. Porque eu acho que não é em qualquer lugar que eu vou conseguir me adaptar tão facilmente..."; "... Você precisa de um espaço, o jovem precisa de espaço para se constituir, crescer..."

12. Aprender uma nova profissão: "... porque foi a partir daí que eu fui descobrir o meu gosto pelo jornalismo, que também, nunca vi graça..."; E outra coisa é que eu não ia ter opção de escolher o jornalismo. Porque eu não ia ter conhecido, entendeu. Então, aqui o Aprendiz abriu bastante portas também para meus conceitos..."; "... E aí eu não ia tá aqui no Aprendiz, não ia descobrir o jornalismo. E aí como eu ia quando? Com trinta anos?..."

13. Imposições sociais: Mas só que eu acho que ficar tipo, segunda a sexta na sala de um cursinho depois de voltar da escola, eu não ia agüentar, eu ia "surtar", sabe? E não ia aprender nada, sinceramente, porque eu já fiz cursinho tipo uns 4 meses, quando eu estava na oitava série, não aprendi nada, não passei na escola técnica. E do que adiantou? Só ia ficar louca da vida, e ninguém ia me dar um espaço de falar, tipo, o que você gosta, é disto mesmo?..." Eu acho que quando você está na sua adolescência, nesta fase dos 15, 16, 17 anos a maioria das vezes você não faz de vontade própria. Tanto que muita gente entra na faculdade com 18, 19 anos, e depois acaba..., meu, eu só gastei dinheiro, e não era isso que eu queria, mas por quê? Foram seus pais que falaram: ai, meu filho, eu tenho um sonho disto, e eu quero que você faça porque não concretizou o meu. Sabe como que é?

14. Contato com o mundo do trabalho: Então, é um ambiente gostoso de trabalho...". "... E ver, tipo, outro ambiente de trabalho. Porque eu acho que em qualquer lugar que você vai é muito diferente, sabe? É cada um por si, dane-se os outros. Sabe? Eu faço meu trabalho, pronto e acabou. Mas aqui, não, aqui tem uma...sei lá... eu descobri um ambiente de trabalho muito novo, diferente. E tá, claro, como diz o nome, Aprendiz, aprendeu vai embora. Mas eu tenho certeza que, quando eu for embora do Aprendiz, eu vou sentir falta disto. Porque eu acho que não é em qualquer lugar que eu vou conseguir me adaptar tão facilmente..."

15. Espaço novo: "... Eu acho que espaço é o que mais tem, mas só que as pessoas que coordenam este espaço não usam este espaço. A escola, por exemplo, você poderia ter total autonomia para fazer o que você quisesse, mas porque você teria que entrar numa ONG pra entender isto de liberdade, responsabilidade e porque dentro de sua própria casa, seus pais não te dão isto. Então, lugar tem, mais as pessoas não sabem, que nem a B. falou a gente tá vivendo num sistema que as pessoas não se preocupam com o que você faz. Você tem que fazer sua faculdade, trabalhar pra buscar sua felicidade. Mas, é só isto? Nós temos que ser os caras da Malhação sabe, só que isto é uma ficção, na realidade não existe nada disto. Sabe?..." ;

Indicadores:

A constituição dos indicadores foi formada a partir da identificação e condensação dos pré-indicadores.

Neste processo foram organizados e agrupados os conteúdos, por semelhança de modo a se completarem, pois de acordo com Aguiar e Ozella (2006):

os indicadores, só adquirem algum significado se inseridos e articulados na totalidade dos conteúdos temáticos apresentados, ou seja, na totalidade das expressões do sujeito (p.13).

Indicador:

1 - Espaço da ONG.

Pré-Indicadores:

1) O ócio; 2) Oportunidade; 11) Espaço diferenciado; 12) Aprender uma nova profissão; 15) Espaço novo; 14) Contato com o mundo do trabalho; 6) Satisfação.

Indicador:

2 - Relações pessoais.

Pré-Indicadores:

4) Pessoas confiáveis, 8) Expectativa familiar; 10) Liberdade de expressão; 5) Reconhecimento.

Indicador:

3 - Características pessoais.

Pré-Indicadores:

7) Responsabilidade; 9) Dedicção; 3) Persistência; 6) Satisfação.

Indicador:

4 - A Organização não governamental e as outras instituições.

Pré-Indicadores:

8) Expectativa familiar; 13) Imposições sociais, 14) Contato com o mundo do trabalho; 15) Espaço novo.

Construção dos núcleos de significação

A construção de núcleos de significação constitui o processo de articulação dos indicadores cujos temas interpretados abrangem emoções, desejos, sentimentos, crenças, fatores culturais e ideológicos.

Essa atividade resultou na definição de dois núcleos, abaixo apresentados. Segundo Aguiar e Ozella (2006), a nomeação de cada um deles foi feita mediante a elaboração de uma frase, de modo a refletir o processo e o movimento do sujeito.

| Indicadores | Núcleos de significação |
|---|--|
| 1) Espaço da ONG. 4) A Organização não governamental e as outras instituições. | 1) ONG como espaço de superação. |
| 2) Relações pessoais. 3) Características pessoais. | 2) Relações pessoais como indicador para realização. |

Análise dos núcleos de significação

A análise dos núcleos de significação foi feita através da articulação da fala do sujeito dentro de um contexto sócio-histórico, e desenvolvida através de uma análise voltada à compreensão do sujeito na sua totalidade.

Para tanto foi realizado um processo de análise de cada núcleo para ressaltar as particularidades e a essência de cada um.

1. Núcleo 1 - ONG como espaço de superação

A idéia que a ONG é um espaço de superação pode ser observada no discurso de J. em diferentes momentos de sua fala durante nossa entrevista.

Um aspecto que pudemos observamos, através da carga emocional apresentada em sua fala, como de grande importância para J. na decisão da escolha em freqüentar a ONG foi à possibilidade de freqüentar cursos.

"Eu vou ter uma oportunidade lá porque pra pagar cursos assim, são caros, na verdade e não é todo mundo que tem condições financeiras pra isso. Ai eu vim conhecer..."

Neste dialogo a palavra "oportunidade" aparece carregada de significado. Significado de mudança, crescimento, ascensão, desenvolvimento e, portanto de possibilidade. Possibilidade esta que em outro lugar a adolescente não teria acesso devido sua condição financeira.

Para Vygotsky (1998) o significado é construído de maneira estável social e convencional, uma vez que ao nascer, o homem já se depara com as significações prontas e elaboradas historicamente. E conforme apontam Aguiar e Ozella (2006):

"os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades". (pg.6).

Pudemos observar também que a jovem ao se referir aos cursos parece transmitir uma idéia contraditória, pois apesar destes terem uma grande importância para ela, e significarem uma possibilidade de mudança e ascensão a um conhecimento que suas condições econômicas não permitiam, sua escolha foi muito mais guiada pela oportunidade ao acesso destes cursos do que pelo interesse aos cursos em si.

"E que foram selecionados 8 jovens do Trilhas urbanas para fazer parte. Eu fui uma das selecionadas. E foi a melhor coisa que aconteceu, porque foi a partir daí que eu fui descobrir o meu gosto pelo jornalismo, que também, nunca vi graça.

Observamos que os sentidos vão sendo construídos no decorrer de sua fala, na medida em que o foco do assunto permite, ou seja, parece que para ela, participar de um curso "*foi a melhor coisa que aconteceu*", mas conhecer e se identificar com o jornalismo foi sem intenção.

No que diz respeito ao sentido da palavra, Vygotsky (1998) defende que este pode ser modificado de acordo com o contexto no qual aparece. Dessa forma, diferentes contextos podem apresentar diferentes sentidos para uma palavra, sendo ele constituído no próprio diálogo.

Outro aspecto trazido por J. sobre o espaço que os jovens encontram dentro das ONGs foi que o espaço oferecido aos jovens nestas instituições poderia também ser oferecido em outros lugares, como na escola, ou em casa; porém J. afirma isso não acontecer:

"acho que espaço é o que mais tem, mas só que as pessoas que coordenam este espaço não usam este espaço. A escola, por exemplo, você poderia ter total autonomia para fazer o que você quisesse, mas porque você teria que entrar numa ONG pra entender isto de liberdade, responsabilidade e porque dentro de sua própria casa, seus pais não te dão isto".

Quando J. se refere ao espaço da ONG, em sua fala, percebemos o sentido de tais organizações, ora as classificando como sujeito físico, ora como sujeito social com subjetividade. Para Gonzalez Rey (2002) o sentido subverte o significado, pois ele não submete a uma lógica racional externa. O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas mobilizam o sujeito.

O sentido da ONG para J pode ser observado, em outro trecho de sua fala onde ela significa a ONG que frequenta como um lugar que proporciona ao jovem liberdade, no sentido de poderem falar e expressarem suas opiniões, além de oferecerem espaço físico para a realização de coisas que ela considera importantes.

"essa diferença, a liberdade. Tá! Aqui, eles dão o curso de comunicação, artes e teatro, ela gosta de bordado, não tem este curso, mas sempre que tem festas, ela traz as coisinhas dela e vende".

Entendemos que o acolhimento e a cumplicidade experimentada pelos jovens nestas Organizações representam um fator de manutenção da permanência destes jovens nas mesmas.

Isto é claramente observável no diálogo escolhido abaixo:

"As pessoas aqui são amigáveis, sabe? Elas te escutam, elas te apóiam, em tudo o que você precisa. É um formigueiro (risos), as pessoas ajudam um ao outro, sabe? Se preocupa. Tipo, se a B. não conseguir fazer uma coisa, J. me ajuda? Então, tem essa coisa diferente. Então aqui, o que acontece... a gente.... eu vou sentir falta disto. Porque eu acho que não é em qualquer lugar que eu vou conseguir me adaptar tão facilmente".

"E se tivesse mais estes espaços legais assim, que a gente sabe que não vai encontrar na escola "meu" eu acho que mudaria bastante, bastante mesmo porque tem

gente que entra e desiste, mas as que permanecem você conversa com elas. Sabe. Você não acredita que elas têm 17 anos, elas têm uma puta cabeça, sabe".

Entendemos que, para J, na sociedade os adolescentes são enxergados como iguais. Esta construção do sentido de como o jovem é visto pela sociedade por J. refere-se a uma visão tradicional de enxergar a adolescência.

Vimos no capítulo II que a adolescência tem sido, freqüentemente, marcada por uma visão naturalizante e a-histórica. Aguiar, Bock e Ozella (2001) referem-se a tais aspectos ao contextualizar a visão da psicologia sobre o adolescente, e apontam a idéia de que, desde o elício do séc. XX, predomina uma concepção marcada pela universalização e naturalização do adolescente, (...) *produzida e reproduzida pela cultura Ocidental, assimilada pelo homem comum e pelos meios de comunicação em massa e reafirmada pela psicologia tradicional (...)* (Aguiar, Bock e Ozella, 2001, p. 163).

2. Núcleo 2 - Relações pessoais como mediação para a auto-realização.

Para iniciarmos a análise deste núcleo pretendemos rever alguns pontos teóricos sobre a produção de idéias e as representações da consciência para a psicologia Sócio-histórica, uma vez que entendemos que os indicadores que o compõem indicam aspectos pessoais de determinantes internos.

No capítulo I apontamos Leontiev que afirma que a produção de idéias, de representações e da consciência está direta e indiretamente ligada à atividade material dos homens. Isto quer dizer que para a psicologia Sócio-histórica não é a consciência que determina a vida e sim, esta, é determinada pela consciência.

"O reflexo da realidade objetiva pela consciência não se produz passivamente, mas de maneira ativa, criativa, sobre a base e no decorrer da transformação prática da realidade". (Leontiev, *apud* Aguiar, 2001 p.97).

Desse modo, a consciência está diretamente ligada à atividade material do homem, e como tal não existe sem a matéria. No entanto, quando falamos em consciência estamos falando de algo inerente ao homem. Homem este, que

tem atividade e vida social e como aponta Gonçalves (2003), nesse sentido, a consciência tem uma natureza social, embora seja algo do indivíduo. (p.88).

Consideramos que a consciência é subjetiva, mas não existe sem a realidade objetiva. E é através da atividade externa que se criará a possibilidade da reconstrução da atividade interna.

Na fala de J. podemos repensar essa contribuição teórica quando afirma:

"Eu fui uma das selecionadas. E foi a melhor coisa que aconteceu... Foi muito legal, tipo, descobrir coisas, discutir pautas, você apurar, ir atrás, entrevistar, sabe? E eu comecei a gostar demais, me dediquei com todo calor que pode haver".

Nesta fala observamos que sua dedicação: "*me dediquei com todo calor*" veio precedida pelo reconhecimento das pessoas com quem J. tinha contato na instituição. E isto não necessariamente quer dizer que não haja outros fatores envolvidos (identificação com a atividade, facilidade com a tarefa, etc.), porém o reconhecimento foi uma atividade externa (realidade objetiva) que construiu a interna.

Uma outra questão importante que podemos apontar referente às relações pessoais de J são as contradições existentes em sua fala ao se referir à família. Pois, ao mesmo tempo em que faz considerações pejorativas a respeito delas "*minha família tem a cabecinha deste tamanho*" sugerindo que não compactua com suas idéias, coloca "*eu sempre quis ser muito certinha e eu acho que também pela minha criação*" sugerindo, que o modelo familiar teve seu significado (valor), pois caso contrário já haveria de ter sido contestado e, negado.

Conforme apontamos no núcleo 1 os significados são apropriados pelos próprios sujeitos e configurados a partir de sua própria subjetividade. Parece que J. ao mesmo tempo em que valoriza suas relações e aprendizados

adquiridos fora do convívio familiar, não abandona o modelo familiar e de certa forma o tem como parâmetro para suas ações.

Outro aspecto bastante importante foi o sentido que a jovem tem sobre o reconhecimento pessoal. Parece claro que para ela o reconhecimento pessoal está amalgamado à condição de ser ouvida e que para tanto é essencial que haja liberdade de expressão.

"Esse negócio de liberdade, de expressão, você poder pensar e falar: Olha, eu acho isso certo, isso errado. Então eu acho que este ano foi muito bom, porque este ano tá somando muita responsabilidade, sabe?...";..."Então dar um pouco de espaço, pro jovem ver o que ele quer fazer. Não colocar ele num curso de inglês porque você tem que fazer e acabou"

Em sua fala observamos que para ela a sociedade tem o sentido de um agente que desempenha uma força vertical e antidemocrática caracterizada pela falta de liberdade de escolha.

"Eu acho que quando você está na sua adolescência, nesta fase dos 15, 16, 17 anos a maioria das vezes você não faz de vontade própria. Tanto que muita gente entra na faculdade com 18, 19 anos, e depois acaba..., meu, eu só gastei dinheiro, e não era isso que eu queria, mas por quê? Foram seus pais que falaram..."

Outro ponto destacado no discurso da jovem foi o sentido para ela em ter bons relacionamentos dentro da ONG que frequenta.

Pela carga emocional presente na fala de J. observamos que para ela a experiência de relacionamento com seus superiores representa um diferencial importante que a ONG oferece e que segundo ela não encontraria em outro lugar.

"A gente tem uma relação maravilhosa com nossa coordenadora. E a gente nem parece, sabe? É apelido,

sabe? Gi, não sei, o que. É muito gostoso isso, sabe? A gente pode ter uma relação também super amigável com a diretora do Aprendiz, a Natasha, que é supergente boa. Então, tem essa coisa diferente".

Observamos através da análise deste núcleo que, conforme Aguiar (2000) o homem é o próprio ator na construção de sua existência, pois cria a partir de sua ação sobre a realidade suas próprias condições de existência e singularidade.

J. demonstra em seu discurso os significados e sentidos que suas relações pessoais representam. E muitas vezes demonstra em seus diálogos esta importância reforçando nossa idéia que suas relações pessoais agem como mediadoras de sua auto-realização.

CAPÍTULO V - Considerações finais

Como exposto em minha introdução o desafio deste trabalho foi responder ao problema proposto: Participar de uma ONG: Qual o sentido para o jovem?

Nesta fase do trabalho estamos aptos a responder que observamos através de nosso sujeito que o sentido de procurar uma ONG para ele foi guiado pela expectativa de mudança. Esta mudança está na oportunidade de participar de cursos, fato que sua condição financeira a impedia. Porém, sua entrada na ONG acabou propiciando ganhos secundários, como a convivência com outras pessoas, o contato com o mundo do trabalho, seu envolvimento com o grupo, o reconhecimento de sua dedicação, etc.

Outro aspecto observado é o valor que a jovem dá aos seus relacionamentos, fato que nos rendeu a interpretação de considerar seus relacionamentos pessoais como mediador para sua auto-realização. Em vários momentos de nossa conversa a jovem demonstrou a importância das pessoas que compõem seu dia-a-dia, como sendo mais que peças constitutivas da atual fase de sua vida, e sim elementos constitutivos de uma experiência que a jovem levará consigo para situações futuras em sua vida.

Alguns pontos foram apontados pela adolescente em seu discurso e merece ser analisado, em minha opinião, para a compreensão dos sentidos e significados para esta jovem dos temas desenvolvidos.

Dentre estes pontos, destacamos o sentido da sociedade para ela.

Entendemos que para J. a sociedade aparece como um agente que desempenha uma força vertical e antidemocrática, caracterizada pela falta de liberdade de escolha e imposição muitas vezes de regras, enxergando o jovem através de uma visão naturalizante, universal e a-histórica desrespeitando com isso suas individualidades.

Outro ponto destacado foi o sentido para o jovem em ter sua capacidade e desenvolvimento atrelado à condição socioeconômica, gerando um sentimento contraditório, isto é, ao mesmo tempo em que o jovem se

reconhece como indivíduo de potencial, percebe sua limitação devido a falta de condição financeira.

Um outro aspecto refere-se ao significado para J. do seu relacionamento com seus superiores, ou seja, do tratamento de igualdade que os superiores da Instituição, coordenadora e diretora, trocam com ela e os com os outros jovens. Destacamos que, pela carga emocional presente na fala de J., a impressão que a jovem passou é que no mundo, ou seja, em outro ambiente, não é comum se observar isto. Portanto este fator faz da ONG que freqüenta um lugar diferente, porque este tratamento tem para J. um grande valor emocional.

(...) A gente tem uma relação maravilhosa com nossa coordenadora. E a gente nem parece, sabe? É apelido, sabe? Gi, não sei, o que. É muito gostoso isso, sabe? A gente pode ter uma relação também super amigável com a diretora do Aprendiz, a Natasha, que é super gente boa. Então, tem essa coisa diferente.

Nos capítulos teóricos tentamos trazer um pouco sobre os assuntos que iríamos trabalhar, adolescentes, ONGs, teoria psicológica Sócio-histórica, porém reconhecemos que muito pouco foi desenvolvido. No entanto, o que nos propomos a estudar que foi qual o sentido dos adolescentes em procurar uma ONG foi realizado. Sabemos também que muito sobre este assunto deve ser produzido, uma vez que acreditamos que a partir da realização de estudos como este, nós psicólogos contribuimos para desmistificar uma visão universal e naturalizante sobre os jovens que entendemos coloca o jovem numa posição de igualdade e pré-determinação inexistente.

Particularmente foi muito prazeroso realizar esta atividade, mas devido ao tempo escasso para sua execução acredito que muito mais poderia ter sido feito. Porém, dentro do possível, realizamos o que nos propusemos e esperamos que nosso trabalho sirva, quiçá, para despertar o interesse de outros pesquisadores a continuar pesquisando sobre os assuntos levantados.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, A. O Adolescente e a liberdade *in* ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981, p. 13 e 17.

AGUIAR, W. M. J. Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia Sócio-histórica *in* BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 95 - 110.

AGUIAR, W. M. J. Reflexões a partir da Psicologia Sócio-histórica sobre a categoria consciência. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nº 110, p. 97-140, junho/2000.

AGUIAR, W. M. J. BOCK, A. M. B. & OZELLA, S. A. Orientação Profissional com adolescentes: Um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. *in* BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (Orgs). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*, São Paulo. Cortez, 2001, pp 163 - 178.

AGUIAR, W. M. J. BOCK, A. M. B. & OZELLA, S. A. Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. *in* BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M. & FURTADO, O. (Orgs). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*, São Paulo. Cortez, 2001, pp 95 - 110.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos - *Psicologia: Ciência e Profissão do Conselho Federal de Psicologia*, Brasília, v.26, n. 2, p. 225-245, junho/ 2006.

BOCK A. M. B. A perspectiva Sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Caderno Cedes*, Campinas, V.24, n.62, p. 26 - 43, abril /2004.

CAMPOS, D. M. S. *Psicologia da adolescência*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, N. V. *Autogestão: O Nascimento das ONGs*. 2ª ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARMO, P. S. (1950). *Culturas da Rebeldia: A juventude em Questão*, 2ª ed. São Paulo: Senac, 2003.

CICONELLO, A. *Novos sujeitos na cena política: Uma análise do perfil das ongs de defesa de direitos e desenvolvimento associados a ABONG*, São Paulo, 2006.

CLIMACO, Adélia A. S. *Repensando as concepções de adolescência*. São Paulo, 1991. 95p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da educação) Faculdade de psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

COLE, M.; SCRIBNER, S. O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. In: VYGOTSKY L.S. *A Formação Social da Mente*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Introdução.

ERIKSON, E. H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FLEMING M. - *A adolescência e a autonomia - O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento, 1994.

FRAGA, Paulo César Pontes. AS ONGs e o espaço público no Brasil. *Revista Presença*, Belo Horizonte, n.2, p.26-36, 2002.

FREITAS, M.T.A. A abordagem Sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 116 p.4-39, 2002.

GONÇALVES, M. G. M.; Bock, A. M. B. A psicologia Social Sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B. (org) - *A Perspectiva Sócio-histórica na formação em psicologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 87-97.

GONZÁLEZ REY, F. *La Investigación Cualitativa em Psicologia: Rumbos Y Desafios*. São Paulo: Educ, 2002.

KNOBEL, M. Introdução in ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981, p 10.

KOGA, D. H. U. *O tecer-se das ONGs*. São Paulo, 1995. 195p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LANDIM, L. *A invenção das ONGs: Do serviço invisível à profissão impossível*. Rio de Janeiro, 1993. 475p. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LUCCI, M. A. Um estudo sobre as propostas de B. F. Skinner e as de L. S. Vygotsky: a contribuição de uma aproximação. São Paulo, 2004. 189p. Tese (Doutorado em psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARX, K. ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. Lisboa: Presença, 1980. P.18 - 27.

OSÓRIO, L. C. *Adolescência hoje*. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.

OZELLA, S. Adolescência: Uma perspectiva crítica. In: KOLLER, S. H. (org.) *Adolescência e Psicologia Concepções, práticas e reflexões críticas*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002, p.16-24.

OZELLA, S. (org) - *Adolescências Construídas: A visão da psicologia Sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUSA, J. T. P. *Reinvenções da Utopia: a Militância Política de Jovens nos Anos 90*. São Paulo: Hacker, 1999.

TREVISOL, J. V. A emergência das Organizações não governamentais (ONGs) no contexto da "nova ordem" mundial: razões e significados. *Revista Científica da UNOESC*. Joaçaba, v. 21, n. 39, p.107-138, jul. 1998.

VANNUCHI, P. NOVAES, R. (Org). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2004.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY L.S. *A Formação Social da Mente*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

<<http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/cidadeescola/content/spuclugesw.mm>
p>. Acesso em 08 abr. 2008.

Anexos

Anexos

1. Organização das entrevistas

Transcrição de entrevista realizada e gravada na sede da ONG Cidade Escola Aprendiz.

A entrevista foi realizada em cima dos temas a seguir:

- Contato, critério e escolha da ONG;
- Entrada e tempo de permanência;
- Importância da ONG e na ONG;
- Qual sua função e atuação na ONG;
- Experiências e mudanças durante sua participação na ONG.

Nesta transcrição procuramos ser fidedigno ao relato dos jovens, utilizando o material, na íntegra, tal como registramos, com gírias e palavrões.

1. B, 17 anos.

Participa do site Aprendiz

Freqüenta a instituição há 2 anos.

Entrevistadora:

Bom, B., como já conversamos; eu gostaria de fazer esta entrevista com você, pois estou fazendo meu TCC em psicologia Sócio-histórica e pretendo com ele falar sobre qual o sentido para o jovem/adolescente em procurar uma Organização não Governamental, e como eu moro aqui no bairro escolhi o Aprendiz.

Eu vou fazer algumas perguntas a você, mas a princípio gostaria que você falasse um pouco de como você conheceu o Aprendiz.

B.

Então, o Aprendiz já tá no bairro 10 anos. Eu sempre..., embora eu sempre tenha morado aqui em Pinheiros, eu nunca tinha conhecido... até o primeiro colegial quando eu tinha quinze anos. Uma amiga minha chamada Gabi, ela vinha aqui, porque... aliás, anterior a isso, eu tinha amigos que faziam aula de

música aqui, e eles me falavam que faziam aula, era legal e tal. "Tipo" a praça que tem por aqui é meio que ponto de encontro da galera. Eu cabulava aula e vinha pra praça, não fazia nada em casa, ficava dormindo ai pra minha mãe não descobrir que eu cabulei aula. Todo mundo faz isto até hoje. Ai... só que eu não sabia...eu sabia que ali era praça aprendiz, mas não sabia o que era o aprendiz. Eu sabia que tinha uns amigos que faziam aula. Isso na 8ª série. Aí no primeiro colegial uma amiga minha chamada Gabi, ela vinha aqui pra usar a Internet, que era neste espaço mesmo (nesta fala a adolescente está se referindo do ambiente físico onde estávamos). E aí um dia eu vim com ela, e ai eu conheci a Lia, que é uma moça, que é uma educadora daqui, falou que tinha uns cursos. Depois eles foram no meu colégio uns dias depois e eu perguntei melhor o que era. Ai eu vim aqui num outro dia falar com a Lia de novo e me inscrevi num curso de vídeo, e num curso de artes. Ai começaram as aulas aqui. Eu não fiz artes, só fiz vídeo. E ai eu fiquei um ano todo aqui. Ai eu gostei tanto, que eu comecei a fazer um curso no meio do ano de web designer. Ai eu gostei tanto daqui, que eu troquei os horários do curso, fiz sábado, tive que acordar cedo, coisa que eu detesto, pra ficar aqui, porque era uma coisa que eu me identificava, tipo vídeo, mídia. E tô aqui até hoje. Assim continuei o ano passado e tô aqui hoje trabalhando.

Entrevistadora:

Que legal!

Mas deixa eu ver se entendi direito. Em principio você só veio aqui porque você tinha uma amiga que tava aqui.

B.:

É porque o aprendiz todo mundo conhece de uma forma ou outra. Ou porque o irmão mais velho fez mosaico, ou porque o irmãozinho faz escolinha... De alguma forma todo mundo conhece o aprendiz, quem mora aqui no bairro. E ai assim, meio boca-a-boca.

Entrevistadora:

Tá, mas porque você procurou assim, porque era uma opção ou...

B.:

Então porque... ah...eu não tinha nada pra fazer. Ai eu vim, tipo, não porque... Eu vim aqui ver o que tinha. Eu gostei do espaço, gostei das pessoas quando eu vim com minha amiga. E ai eu vim ver o que tinha, porque eu não fazia nada. E ai pra não ficar em casa vendo televisão à tarde inteira, porque eu estudo de manhã, eu resolvi fazer uma aula de vídeo que eu me interessei. Ai todo mundo da minha sala resolveu fazer junto...sabe? Não que eu tenha ficado muito empolgada com a ONG, mas porque todo mundo da minha sala tá fazendo eu vou fazer também, sabe? É que é melhor do que não ficar fazendo nada.

Entrevistadora:

Então se veio e os amigos vieram ou os amigos vieram e depois se veio?

B.:

Os amigos vieram e depois eu vim.

Entrevistadora:

Então, quanto tempo faz que você está aqui?

B.:

Faz...Ah desde de 2006.

Entrevistadora:

Dois anos.

E quanto tempo você fica aqui?

B.

Aqui eu fico das 1 até as 6 que é meu horário de trabalho de segunda a quinta-feira

Entrevistadora:

Então, você tem uma função aqui? Você trabalha?

B.:

Trabalho. Eu sou estagiária do site aprendiz. Que é um site de cidadania e educação. Eu cuido...É eu ajudo a cuidar de uma sessão chamada guia de empregos. Essa é minha principal função, que é pra editar classificados de

emprego e escrever matérias, todas ligadas ao mundo do trabalho, e escrever matérias sobre educação em geral.

Entrevistadora:

Mas, você tem salário, alguma coisa ou não?

B.:

Tem. Eu ganho... salário de estagiário (risos), mas é remunerado...

Entrevistadora:

Mas tem um monte de outras coisas legais, né?

B.:

E o ano passado eu fiquei aqui, depois do repórter aprendiz, eu trabalhei aqui como voluntária tal, eu não ganhava eu pedi pra escrever matérias, e ai este ano eles me contrataram.

Entrevistadora:

E o que você acha destas experiências que você teve aqui, o que você acha que mudou na sua vida? Se mudou né?

B.:

Ah, lógico que mudou, né? Tipo... é eu conheci pessoas diferentes, coisas diferentes. É...tipo descobri uma área que eu queria trabalhar, que é comunicação, enfim política, políticas públicas. E... fiz amigos, enfim, tem toda uma rede de relação, tipo, fiz toda uma relação com pessoas. Conheci muita coisa assim diferente. Eu acho que eu dei tipo um pulo de crescimento desde que eu conheci, por diversos fatores assim por conhecer pessoas, por conhecer coisas novas, por ter experiências novas, por abrir mais os olhos. Porque, quando... no projeto... quando eu entrei aqui o projeto vídeo, o projeto de educomunicação. E ai educomunicação é uma puta coisa legal pra você aprender coisas e acaba descobrindo o mundo com coisinhas pequenas, do seu dia-a-dia. E acho que isto abre muito o olho de quem...sabe? Abre o olho "porra" meu, olha o mundo que você está inserido!

Entrevistadora:

Sei. E depois destas experiências você consegue ter as mesmas conversas que você tinha com seus amigos, principalmente os que não passaram pela mesma experiência que você?

B.:

Sim, tipo eu morei em outra cidade uns aninhos assim.

Entrevistadora:

Que cidade?

B.:

Carapicuíba. Meu passado negro... Mas, eu sempre estive ligada aqui em Pinheiros, enfim... E eu tenho amigas de infância que são da mesma idade do que eu, e elas são muito tipo sabe provincianas, e sabe elas não conhecem o mundo. Não que eu acho que eu conheça o mundo, mas elas... sei lá, tipo elas têm a cabeça muito pequena e tipo não dá pra discutir. Eu gosto delas, mas a a última vez que eu vi elas eu não consegui dialogar sabe parece que eu tinha crescido anos e elas estacionaram.

Entrevistadora:

E você acha que isto é porque você está tendo esta experiência com a comunicação ou porque você mudou de Carapicuíba?

B.:

Eu acho que é as duas coisas. São Paulo é uma cidade grande que ensina abre as cabeças das pessoas, mas é tem a coisa de você se dispor a fazer coisas e a querer. Se eu resolvesse no primeiro colegial ficar em casa assistindo televisão tipo, eu também ia ser cabecinha pequena, né? Enfim, eu acho que a comunicação abre a porta. Mesmo que a pessoa...sei lá... seja...pretenda ser...tipo, quando eu falo de comunicação, eu não falo como uma coisa de profissão, sei lá, eu poderia querer ser bióloga, mas, comunicação é... "porra" comunicação...Posso falar palavrão... Te incomoda?

Entrevistadora:

Claro que não me incomodaria se você estivesse desconfortável com nossa conversa.

B.:

Não tá super legal é que tá o maior natural...Então a comunicação é legal de trabalhar desde de criança e jovens, porque ela abre...sabe... quando você tem uma série de informações, quando você começa ter uma troca com coisas e pessoas, e aprende que tem outras coisas no mundo, que não só o seu bairro, eu acho que você fica mais inteligente até (risos).... Sei lá você aprende que... quebra preconceitos, quebra estigmas. Você começa a conhecer mais coisas com a comunicação. Eu acho que se eu não tivesse participado de um projeto de comunicação... assim, o projeto poderia ser em qualquer outro lugar (se refere à instituição), se eu não tivesse participado eu acho que eu seria meio tonta (risos).... Porque é legal conhecer o mundo e conhecer mídias, eu aprendi que mídia também pode ser um grafite na rua, que comunica e você aprende a prestar atenção, quando você tá caminhando, quando você tá num ônibus. E eu acho tudo isto muito legal.

Entrevistadora:

E o que a sua família acha disto?

B.:

Minha mãe. Eu moro com minha mãe e minha irmã, meus pais são separados e eu não tenho contato com ele. Minha mãe acha legal, e tal, porque...tipo depois do aprendiz, eu acho que fiquei mais meio que mais responsável. Porque, tipo era uma coisa que eu gostava. Igual eu falei, eu fiz um curso paralelo ao Aprendiz no primeiro colegial, e eu era o maior irresponsável com o curso, faltava direto, mas o Aprendiz como era uma coisa que eu gostava eu faltava era difícil e eu só faltava em casos urgentes, quando eu tinha muito sono (risos).

Entrevistadora:

Mas aqui você tem alguma cobrança. Tipo horário, se faltar perde a vaga ou coisas deste tipo?

B.:

Não (risos) eu chego atrasada todo dia! Ontem mesmo eu entro a 1, ontem mesmo eu cheguei a 1:30.

Ah é que eu sou meio. Assim não é que eu seja irresponsável e que eu tenho outra noção de responsabilidade (risos), enfim, mas, minha mãe me apóia ela acha legal, mas eu sou responsável no trabalho assim se precisar fazer eu faço, pesquiso, se precisar vir mais cedo eu venho, só que atrasos acontecem.

Entrevistadora:

E você mora aqui no bairro mesmo?

B.:

É eu moro ali na rua dos Pinheiros.

Entrevistadora:

Muito legal!

E a sua irmã?

B.:

Então, a minha irmã ela faz aprendiz escolinha ela tem 12 é vai fazer 12 no dia 31 agora. Ela começou...a minha irmã estuda aqui no bairro também. O colégio dela tem uma parceria muito forte com o aprendiz desde o comezinho do aprendiz, que tem 10 anos. Ai todo mundo do colégio dela fazia, ela resolveu fazer também.

Entrevistadora:

Parecido com você.

B.:

Todo mundo...A maioria das pessoas que entram aqui é assim. "Todos os meus amigos fazem, então vou fazer também; se você não gostar você sai." Também tem outra o aprendiz tem um beco e ai a galera... eu tenho amigos que vinham aqui no beco, grafitar, fumar maconha e resolveram fazer uma atividade e tão até hoje. Outros vieram no circo no beco e souberam que tem cursos aqui e resolveram... Sabe, o aprendiz é bem assim boca-a-boca. Ninguém nunca...sabe eu acho que não existe quem que tipo "ah, vim pro aprendiz porque eu acho que os projetos são interessantes". Ninguém vem. Vim porque meu amigo faz e se não for legal você sai. Mas normalmente as pessoas ficam e você acaba criando um vínculo muito forte, porque tem um

lance de liberdade. Você acaba fazendo muitos amigos. Sei lá eu tenho amigos que fiz aqui até hoje, que são grandes amigos.

Entrevistadora:

Você se acha importante aqui na instituição?

B.:

Eu acho. Eu acho que num lugar, numa rede que tem pessoas, que cada um tem uma função, acho que cada um é importante. Por exemplo, minha coordenadora, Gisele. Antes de eu trabalhar aqui ela não podia tirar férias, porque não tinha ninguém que pudesse fazer o trabalho, tipo ajudar ela no guia de empregos. Ela tirou férias e eu estou aqui. Na verdade eu acho que todo mundo tem uma igualdade de importância numa rede de coisas. É tipo um formigueiro, se uma morrer não vai fazer falta, mas se trinta formigas morrem, elas vão fazer falta.

Entrevistadora:

Você trouxe um fato que me chamou muita atenção que foi o fato de seu trabalho aqui no aprendiz ter sido importante para você aprender coisas, mas que independente disto você teve a iniciativa de não ficar em casa assistindo TV a tarde inteira. Você é capaz de avaliar qual o peso do Aprendiz nas mudanças em sua vida?

B.:

Não, na verdade eu mudei...

Na verdade eu acho que de uma forma ou de outra eu daria um jeito pra fazer algo. Mas com certeza tudo o que eu tive contato me ajudou a mudar. Por exemplo, quando eu morava em Carapicuíba. Eu odiava morar lá. Eu fui pra lá porque minha mãe casou de novo e eu não gostava do meu padrasto. Uma coisa muito complexa. Na verdade eu até hoje não sei porque eu odiava lá se a cidade que era pequena ou se eu ter ido obrigada para lá. Eu nasci aqui em São Paulo e geralmente paulistano da gema tipo é... Pra se acostumar com cidade pequena é difícil. Eu to acostumada com o caos. E eu não consigo dormir no silêncio. Tipo, quando eu fui pra Salvador, eu adorei a cidade, mas eu tava morrendo de tédio.

Entrevistadora:

Têm que ir pra lá no carnaval.

B.:

É foi no carnaval mesmo que eu fui. Tipo, duas horas da tarde, tá aquele sol, aquele povo dormindo. Enfim, eu acabei fugindo do nosso assunto, desculpa...

Entrevistadora:

Não você está me contando com seu exemplo quem é a B.

B.:

Enfim, eu acho que conhecer coisas novas e pessoas novas é legal acho que muda qualquer um.

Eu acho que o jovem aqui no Brasil é muito subestimado. O Brasil é um país é muito moralista, muito católico e as pessoas tem uma cabeça de muito 1500. Que o jovem tem que estudar e engolir o que se fala na escola. Tipo escola pública é muito ruim. Eu acredito que a gente não vive numa democracia, a gente vive numa ditadura subentendida. É porque sei lá tipo eu vejo por uma coisa muito simples na escola a disposição de carteiras, assim. Uma atrás da outra, a lousa o professor lá na frente falando e você sentadinho, assim sabe. Puta, não sei se dá pra aprender alguma coisa, sabe, eu mesmo este ano eu tô a perigo. Puta, eu chego na escola fico agoniada eu fico me perguntando "o que é que eu to fazendo aqui". Eu acho que se eu estivesse na rua eu ia tá aprendendo muito mais que lá na escola. A escola te prepara pra você ser peão e você pode ser médico, mas a escola te prepara pra ser peão. Você tem que engolir tudo e não pode questionar. Você tem que fazer vestibular. Você tem que fazer uma porra de uma prova que você vai estudar tipo a genética de bactérias, que não vai servir pra nada na minha vida depois. A escola acaba com qualquer esperança do jovem, por isto que eu acho que o jovem é subestimado no Brasil, sabe? Parece que ele não tem direito de falar olha "Porra" presta atenção em mim não é isto que eu quero fazer.

Entrevistadora:

E você acha que instituições como esta aqui te dá oportunidade pra falar.

B.:

Eu acho que dá, mas eu acho que nenhuma organização, nem o Aprendiz vai mudar o mundo, embora lugares sérios com trabalhos sério é importante, mas

não vão mudar o mundo. Mas eu acho que é legal tipo dar oportunidade pro jovem falar, mas ele só não sabe onde. Tipo na favela mais pobre daqui de São Paulo no barraco, que tá caindo aos pedaços, tem um puta cara inteligente que quer falar, mas ele não tem oportunidade. Infelizmente no nosso mundo e no Brasil as pessoas são classificadas pelo poder aquisitivo que elas tem, e eu acho que o jovem, no Brasil, seria um puta País desenvolvido se as pessoas pudessem se expressar. A expressão, a fala o poder comunicar-se com outros foi o que moveu a humanidade desde os papiros, do desenhinho na pedra, foi isto que fez o homem poder trocar as experiências. Se o jovem pudesse ter mais oportunidade pra se expressar, pra escolher o que ele quer realmente e não ter aquela pressão fazer a porra da faculdade, porque se ele não fazer a porra da faculdade ele não vai ser ninguém na vida, ele seria mais feliz e lógico sendo mais feliz ele ia poder produzir mais. Se a criatividade do jovem fosse mais explorada seria mais interessante.

Eu não gostaria de ser uma garota que fizesse, tipo, eu tenho amigas que fazem tudo certinho e elas nem sabem porque. Fazem tudo o que a sociedade quer. Não querendo ter um pensamento anarquista, mas sendo eu acho que jovem ele não é ouvido. Uma pessoa só tem a capacidade de ser respeitada com 30 anos. Eu outro dia ouvi uma frase que um cara de 35 anos me disse: Eu tenho 35 anos e sei mais que você. É como se ele tivesse falado eu já vivi tudo o que eu tinha pra viver e você não sabe de nada porque você só tem 17 anos. Como assim eu tenho 17 anos e sei que já vivi muito mais que a minha mãe que tem 42 anos e acha que o mundo é deste tamanho. Ela acha que o mundo é do tamanho que ela vê. E não é. Sei lá eu tenho um pouco de medo das pessoas que não desconfiam da realidade.

Entrevistadora:

Que bom que você teve a oportunidade de conhecer este mundo muito maior que o de sua mãe não é?

B.:

É eu gostaria que outras pessoas, tipo, principalmente minhas amigas de Carapicuíba, abrissem a cabeça e que elas pudessem ver que o mundo não é só que você precisa fazer uma faculdade pra ser alguém na vida. Que você não precisa necessariamente fazer isto. Na verdade isto é só um exemplo, que

eu quero dizer que você não precisa só fazer o que as pessoas querem, enfim você pode fazer coisas muito legais. Acho o que vale é a criatividade dos jovens e ela não é nem um pouco explorada, pelo contrário ela é abafada. Não faça isto porque isto está errado. E por que está errado.

Entrevistadora:

Poxa B. nossa conversa foi muito boa. Obrigada.

2. J., 17 anos.

Participa do Jornal do Aprendiz

Freqüenta a instituição há 1 ano e meio.

Entrevistadora:

Então J., como a gente conversou, eu e a B., é a mesma coisa, eu quero ouvir de você agora. A sua opinião sobre tudo isto que a gente falou, em primeiro, eu queria saber como você conheceu a ONG, quais foram os critérios que você utilizou pra vir até aqui e por que você escolheu esta ONG.

J.:

Eu vim pra ONG como a B. disse mesmo, pra não ficar em casa sem fazer nada. Foi o ano passado, eu estava no segundo ano do colegial e a Pit e a Lia, as educadoras, elas foram divulgar o Aprendiz. E na verdade, eu falei eu vou porque é gratuito, né? E eu não quero ficar em casa sem fazer nada. Eu vou ter uma oportunidade lá porque pra pagar cursos assim, são caros, na verdade e não é todo mundo que tem condições financeiras pra isso. Ai eu vim conhecer. Ai tinha música, artes, teatro. Artes tá sendo este ano, e comunicação. Ai eu não sabia o fazer, porque na verdade nunca me passou pela cabeça comunicação. Mas ai eu resolvi me inscrever neste curso, e começou. Eu comecei a ter contato com as pessoas, começou a ter bastante dinâmica e mesmo eu odiando, acho que melhorou bastante a minha desenvoltura, porque até então eu era muito tímida, muito presa, muito fechada.

Entrevistadora:

Odiando, como assim?

J.:

Porque, eu não gosto de dinâmica. Este negócio que tem vir.. tipo fazer uma rodinha...porque começa com 70 pessoas o trilhas urbanas. E você não conhece ninguém, e tem que ir no meio, falar seu nome, pagar um monte de mico, e fazer um monte de coisas, e eu me sentia presa ...sei lá, eu odiava, mas depois ao longo do tempo eu fui perceber que isto é que me ajudou bastante. E neste mesmo ano surgiu o repórter Aprendiz... né? E que foram selecionados 8 jovens do Trilhas urbanas para fazer parte. Eu fui uma das

selecionadas. E foi a melhor coisa que aconteceu, porque foi a partir daí que eu fui descobrir o meu gosto pelo jornalismo, que também, nunca vi graça. Só que tipo, o repórter a Aprendiz é jornalismo em vídeo, certo? Foi muito legal, tipo, descobrir coisas, discutir pautas, você apurar, ir atrás, entrevistar, sabe? E eu comecei a gostar demais, me dediquei com todo calor que pode haver. E este ano eu fui chamada pra ser monitora. E foi assim que eu conheci o Aprendiz.

Entrevistadora:

Você ficou feliz por ter sido escolhida.

J.:

Sim, claro, porque na verdade, assim, o que disseram é que eu e a B., a gente se destacou bastante. E a B., ela vinha sempre fazer matérias, assim, escrever, no site. Então ela já foi estagiar, entendeu? E eu fiquei como monitora, até porque este ano, tipo tem bastante coisa, estudar e tal pra eu estagiar, e ficar aqui todos os dias da semana é complicado. Se bem que, eu fico de terça e quarta feira no repórter, e surgiu um outro projeto - agência de notícias - que eu e a B. também participamos. Que é um site que não no site Aprendiz, mas num outro que a gente em primeiro momento faz com o Gilberto Dilmestein mesmo, e que os jovens produzem matérias jornalistas pra este site. A gente participa. E que então também ocupa mais dias da semana.

Entrevistadora:

E estas matérias não são do bairro, são de São Paulo. Não é?

J.:

Não porque tipo a gente tá centralizando no bairro. Porque, qual é a idéia? a gente tem que ter o olhar primeiro, a gente tem que saber olhar pra nós mesmos, pra nossa casa, pra nossa escola, pra nossa comunidade. Pra depois começar a olhar para o mundo. Então a gente tem esta visão, tipo, começar ir aos poucos mesmo, entendeu? Então a gente fala muito sobre o bairro. E o que é legal deste site, que é a Agência Comunitária de notícias, que é um pouco diferente do site Aprendiz. Que o site Aprendiz fala de educação, educação e educação. Aqui não, a gente fala de cultura, lazer, educação também, mas a gente tem uma visão bem ampla de tudo, só que ainda no bairro da Vila Madalena.

Entrevistadora:

Que legal, e quanto tempo você está aqui no Aprendiz, desculpa eu não prestei a atenção.

J.:

Está no meu segundo ano.

Entrevistadora:

Então você entrou junto com a B..

J.:

Não a B. entrou em 2006 e eu entrei o ano passado. É faz um ano e 1 meio.

Entrevistadora:

E quanto tempo você fica aqui. O dia inteiro...

J.:

Então, como eu estudo, eu entro às 2:00, não, na agência eu entro a 1:00 e saio as 5:30. E do repórter Aprendiz eu entro às 2:00 e saio às 5:30, também. Só que eu sempre chego antes e saio bem mais tarde. E é assim, eu me dedico muito durante a semana. Eu só, na verdade, não fico aqui de quinta e sexta, mas no segundo semestre eu vou começar ficar de sexta também.

Entrevistadora:

E o que você acha disto.

J.:

Eu acho muito bom porque, assim, eu tenho uma vida bastante corrida. Tipo, sendo monitora, tipo, mesmo quando o pessoal não tá aqui (a jovem está se referindo aos outros jovens da instituição que estão de férias) de terça-feira que nem hoje, que tem Planejamento, tenho agência, curso. Eu faço cursinho por causa de vestibular. Eu faço cursinho o sábado inteiro, então...

Entrevistadora:

E é daqui o cursinho?

J.:

Aqui tem cursinho, mas só que eu não faço o daqui. Eu estudo de manhã, último ano, muito trabalho, muita coisa, então é muito corrido pra mim. Tipo, eu

quase não tenho tempo. Tipo, eu saio de casa 5:30 da manhã, porque eu moro na Raposo e estudo aqui na Vila Madalena, e chego em casa, por causa deste bendito trânsito, tipo, 7:30, às vezes 8:00.

Entrevistadora:

Você vai pra casa só pra dormir, praticamente.

J.:

Só, tomar banho, comer e dormir. Entendeu? Então, é muito corrido. Só que tem um, porém, sabe? Eu gosto do que eu faço, sabe? Quando você, tipo, é...te impõe alguma coisa, faça isso, é chato, você não fica bem. Mas quando você... que nem... eu corri atrás. Eu corri atrás aqui do Aprendiz, eu me dediquei bastante. Por isto que eu estou tendo estas oportunidades aqui dentro. Porque eu acho que eu estou crescendo. Tipo, eu entrei o ano passado e já sou monitora esse ano. Tem gente que entrou aqui há muito mais tempo e ainda tá no trilhas.

Enfim... então, quando a pessoa te impõe alguma coisa, sempre é chato. Mas como eu corri atrás, e tô fazendo o que eu gosto, pra mim, tipo, é um prazer. As pessoas aqui são amigáveis, sabe? Elas te escutam, elas te apóiam, em tudo o que você precisa. Então, é um ambiente gostoso de trabalho.

Entrevistadora:

Você acha que na rua você não teria este acolhimento que você tem aqui?

J.:

Não, porque eu..., tá, se eu não tivesse aqui no aprendiz e tivesse entrado num curso, vamos supor, de inglês e... Na verdade, se eu não tivesse aqui eu estaria fazendo um cursinho, que é o que o pessoal, meu tio muito quer, assim, e ele até ia pagar pra mim. Mas só que eu acho que ficar tipo, segunda a sexta na sala de um cursinho depois de voltar da escola, eu não ia agüentar, eu ia "surtar", sabe? E não ia aprender nada, sinceramente, porque eu já fiz cursinho tipo uns 4 meses, quando eu estava na oitava série, não aprendi nada, não passei na escola técnica. E do que que adiantou? Só ia ficar louca da vida, e ninguém ia me dar um espaço de falar, tipo, o que que você gosta, é

disto mesmo? E outra coisa é que eu não ia ter opção de escolher o jornalismo. Porque eu não ia ter conhecido, entendeu. Então, aqui o Aprendiz abriu bastante portas também para meus conceitos.

Entrevistadora:

Eu gostaria de saber qual a importância pra você em estar aqui no Aprendiz. O Aprendiz é importante pra você.

J.:

Foi como eu disse, a importância do Aprendiz na minha vida foi eu ter descoberto o que eu realmente gosto, ter tido bastante amigos, sabe? A B. é uma delas. E ver, tipo, outro ambiente de trabalho. Porque eu acho que em qualquer lugar que você vai é muito diferente, sabe? É cada um por si, dane-se os outros. Sabe? Eu faço meu trabalho, pronto e acabou. Mas aqui, não, aqui tem uma...sei lá... É um formigueiro (risos), as pessoas ajudam um ao outro, sabe? Se preocupa. Tipo, se a B. não conseguir fazer uma coisa, J. me ajuda? Claro! Sabe aqui é assim. Ou, tipo... A gente tem uma relação maravilhosa com nossa coordenadora. E a gente nem parece, sabe? É apelido, sabe? Gi, não sei, o que. É muito gostoso isso, sabe? A gente pode ter uma relação também super amigável com a diretora do Aprendiz, a Natasha, que é super gente boa. Então, tem essa coisa diferente. Então aqui, o que que acontece... a gente.... eu descobri um ambiente de trabalho muito novo, diferente. E tá, claro, como diz o nome, Aprendiz, aprendeu vai embora. Mas eu tenho certeza que, quando eu for embora do Aprendiz, eu vou sentir falta disto. Porque eu acho que não é em qualquer lugar que eu vou conseguir me adaptar tão facilmente.

Entrevistadora:

E a sua importância no Aprendiz?

J.:

É como eu disse, tipo, a minha entrada como monitora já representou isto. Porque no repórter tinham 8 ou 9 jovens, não lembro. E, tipo, eu e a B., a gente se destacou. Por isso que a gente parou aqui, sabe? E como eu já falei tem muita gente que já tá aqui no trilhas há muito tempo, e não tem tudo o que a gente tem. Eu acho que eu tenho uma grande importância, sim.

B.:

Posso falar uma coisa.

A gente pegou as coisas muito rápido. É aquilo o jovem é como uma planta precisa de espaço e muita água e sol pra crescer.

J.:

Dos projetos, eu só participei do repórter aprendiz e do trilhas. Mas pra mim o trilhas, tipo, o repórter aprendiz, aliás, foi o que mais representou na minha vida. Porque, no trilhas eu acho que, na verdade, eu consegui ter mais desenvoltura, sabe? Por causa das dinâmicas, que eu odiava. Tipo, a gente ficava dançando em volta a uma fogueira num calor de 30°. Para que isso, sabe? Mas tudo bem. Mas, assim, na questão mais... E na verdade, isto é legal este espaço é super livre aqui dentro do Aprendiz. E não é que você vai falar e você consiga mudar de uma hora pra outra, mas, com certeza, eles vão levar pra pauta, tipo, pros educadores pra reunião.

B.:

Sabe que nem a diretora. Ela te chama pra tomar café com ela em que lugar você vai ter isto. As pessoas ficam se matando pra crescer. Aqui o crescimento é muito dentro de você, sabe? Aqui até a faxineira é legal. Aqui a gente tem toda a liberdade.

Entrevistadora:

E as experiências que você teve aqui você as considera importantes para o que a J. é hoje. Depois do Aprendiz? Como é sua relação com as outras pessoas fora do Aprendiz, amigos, família, etc...

J.:

Eu acho que somou, certo? Porque, tipo, eu, particularmente, sempre fui meio.. um pouco fechada. Eu não sou tipo que nem a B., sabe? Vai...dane-se as pessoas. Eu sempre quis ser muito certinha e eu acho que também pela minha criação. Minha família tem a cabecinha deste tamanho. Você tem que seguir na linha, senão você vai se ferrar. Então eu sempre tive este consenso, mas depois que eu entrei aqui, eu também comecei a mudar um pouquinho disso, eu comecei levar pra minha vida, sabe? Tipo, não foi só vir aqui fazer a minha

parte no projeto e ir embora, não. Eu levei isso. Então, somou. Esse negócio de liberdade, de expressão, você poder pensar e falar, olha, eu acho isso certo, isso errado. Então eu acho que este ano foi muito bom, porque este ano tá somando muita responsabilidade, sabe? Tá, eu deixei de ser aluna e estou sendo monitora, eu tenho que ter responsabilidade, tipo, o dobro. Tipo, pra mim e para os meus monitorados, pra falar com a coordenadora, com a educadora, tal. Enfim, as experiências que eu trago pra mim são muito boas, apesar de ser só um ano e meio aqui, eu acho que contribuiu demais para o meu crescimento.

Se eu não tivesse vindo eu ia continuar o que minha família quer, sabe? Que nem, tipo, já propuseram várias vezes eu sair do aprendiz, pra eu fazer só cursinho, mas eu não vou fazer isto porque aqui eu me sinto bem. Porque eu não estaria feliz como eu sou em outro lugar.

Eu acho que quando você está na sua adolescência, nesta fase dos 15, 16, 17 anos a maioria das vezes você não faz de vontade própria. Tanto que muita gente entra na faculdade com 18, 19 anos, e depois acaba..., meu, eu só gastei dinheiro, e não era isso que eu queria, mas por quê? Foram seus pais que falaram: ai, meu filho, eu tenho um sonho disto, e eu quero que você faça porque não concretizou o meu. Sabe como que é? No meu caso, por exemplo, meu tio queria que eu fizesse cursinho. Tá, eu fiz quatro meses na oitava série. Quase entrei em depressão, porque ficava aquela coisa, sabe? Ainda mais que ele tá pagando, e eu não passei. Eu coloquei pra administração. Pô, hoje eu me vejo, não sei nem fazer adição, quem dirá fazer aquele monte de conta de administração. E aí eu não ia tá aqui no Aprendiz, não ia descobrir o jornalismo. E aí como eu ia quando? Com trinta anos? Então dar um pouco de espaço, pro jovem ver o que ele quer fazer. Não colocar ele num curso de inglês porque você tem que fazer e acabou.

Entrevistadora:

A B. falou que não há ninguém, nem ONG nenhuma, que vai mudar o mundo do jeito que ele é, mas ao mesmo tempo, vocês estão me relatando um espaço diferente de convivência aqui dentro o que você acha disto? Você acha que você iria encontrar as coisas que esta instituição oferece, lá fora?

J.:

Eu acho que espaço é o que mais tem, mas só que as pessoas que coordenam este espaço não usam este espaço. A escola, por exemplo, você poderia ter total autonomia para fazer o que você quisesse, mas porque você teria que entrar numa ONG pra entender isto de liberdade, responsabilidade e porque dentro de sua própria casa, seus pais não te dão isto. Então, lugar tem, mais as pessoas não sabem, que nem a B. falou a gente tá vivendo num sistema que as pessoas não se preocupam com o que você faz. Você tem que fazer sua faculdade, trabalhar pra buscar sua felicidade. Mas, é só isto? Nós temos que ser os caras da Malhação sabe, só que isto é uma ficção, na realidade não existe nada disto. Sabe?

Entrevistadora:

Então, vocês acham que esta instituição ou estas instituições te dão este espaço?

B.:

Eu posso falar pelo Aprendiz. Eu não conheço tantas ONGs. Por exemplo, a ONG Aldeia do futuro também tem o mesmo esquema do aprendiz. Enfim, eu posso falar pelo Aprendiz que o objetivo das ONGs é contrapor o sistema é falar: "Olha o jovem precisa aprender e ele precisa de espaço". Tem muita ONG legal e tem muita porcaria também. Mas as que são sérias fazem um trabalho legal, assim.

J.:

E se tivesse mais estes espaços legais assim, que a gente sabe que não vai encontrar na escola " meu" eu acho que mudaria bastante, bastante mesmo porque tem gente que entra e desiste, mas as que permanecem você conversa com elas. Sabe. Você não acredita que elas têm 17 anos, elas têm uma puta cabeça, sabe.

Entrevistadora:

E porque vocês acham que essas pessoas desistem?

J.:

Ah! Porque estas pessoas vem procurando uma coisa, e na verdade não é. Nem todo mundo valoriza estas coisas, sabe? Tem gente que vem pro

Aprendiz achando que ele vai dar um curso profissionalizante, e não é o objetivo da ONG.

Entrevistadora:

E quem está aqui e faz as atividades não acham que eles estão aprendendo uma profissão?

J.:

Geralmente, quem fica aprende muito mais vivendo, conversando com os outros, com as diferenças.

Entrevistadora:

Você tem mais irmãos que também participam?

J.:

Tenho um irmão, e eu não moro aqui na Vila Madalena, então como ele tem 9 anos fica meio longe pra ele participar.

Entrevistadora:

E para participar tem que ter alguma ligação aqui com o bairro, como morar, trabalhar, ou estudar?

J.:

Não. Não necessariamente. Tem gente aqui que mora em Varginha, sabe? Em Parelheiros?

Entrevistadora:

Deve ser difícil para estes jovens pela distância.

J.:

É, mais as pessoas não se incomodam com isso. Essa nossa amiga de Varginha leva 4 horas de viagem pra chegar na casa dela. E ainda, no caso dela, pra você ver essa diferença, a liberdade. Tá! Aqui, eles dão o curso de comunicação, artes e teatro, ela gosta de bordado, não tem este curso, mas

sempre que tem festas, ela traz as coisinhas dela e vende. Então, tá! Só tem estes cursos, mas se você quiser fazer outras coisas você tem total liberdade.

A Grace uma amiga nossa do mundo dos estilistas, ela faz desfiles nas festas, festival do meio, festa do final do ano.

Então, você tem muito espaço. E se você quiser crescer aqui dentro, você consegue é só você dar o melhor de si; que você consegue sabe. Porque as pessoas que estão aqui dentro se preocupam com você com o jovem.

Entrevistadora:

E você já viu alguém que fez o Aprendiz "crescer"?

J.:

Sim, por exemplo, a Marina que é a coordenadora do site.

Você precisa de um espaço, o jovem precisa de espaço para se constituir, crescer.

Entrevistadora:

E pra ser admitido aqui tem alguma exigência necessária?

J.:

Na verdade não tem. O que tem é um ciclo. Por exemplo, tem a escola da praça que tem que ter de 4 a 15 anos, depois que você sai da praça você entra no Trilhas, que são jovens de 15 a 21 anos e mais do que isto não encontra. E tem o OldNet que os jovens ensinam informática aos idosos.

Eles dão lanche e condução pra quem precisa, e mora muito longe. Tem divulgação nas escolas, mas a divulgação mais efetiva é a de boca-a-boca. Por exemplo, eu vim por causa da divulgação na escola, eu não conhecia ninguém do aprendiz, mas este ano eles foram lá e mostraram um vídeo, onde eu e a B. apareceram, e tem muita mais gente da minha escola este ano do que o ano passado.

Ambas passaram mais alguns minutos criticando o sistema escolar de nosso País e a desigualdade social que segundo elas afetam principalmente os jovens, pois os privam de desenvolver seus potências por privá-los da liberdade de expressão.

E, ambas, trouxeram em seus relatos que o jovem pobre não tem valor em nossa sociedade, só o jovem de classe média tem.

2 . Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Psicologia

Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Título do Projeto: Qual o Sentido para o Jovem em procurar uma ONG.

Pesquisador Responsável: Vitorina de Jesus Fernandes Ferraz, R.G. 17.949.056-4.

Este projeto tem o objetivo de estudar e refletir qual sentido o jovem vê em participar de atividades oferecidas por uma ONG.

Para tanto será necessário realizar os seguintes procedimentos:

1. Nos reunirmos, pesquisadora e sujeito, o número de vezes necessária para colher os dados que serão utilizados na pesquisa.
2. Durante os encontros, responder a uma entrevista semi-estruturada cujo tema está relacionado com a participação dele na ONG.
3. As respostas deverão ser gravadas para garantir absoluta fidedignidade das mesmas.
4. O período de nosso trabalho não deverá exceder a 1 mês. E as entrevistas deverão ser feitas preferencialmente nas dependências da ONG Cidade Escola Aprendiz, com duração de no máximo 60 minutos por sujeito.

Durante a execução do projeto devo afirmar que:

1. Não será realizada nenhuma atividade que venha trazer qualquer risco para o entrevistado. E o resultado do mesmo ficará totalmente a disposição na instituição de ensino a qual este projeto está vinculado.

Os sujeito serão escolhidos e convidados a participar da pesquisa ficando totalmente sob o seu critério a possibilidade de participar ou

2. não da mesma, ficando totalmente livre de deixá-la a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou penalidade ao seu cuidado.
3. Será mantida a privacidade dos sujeitos que participarem deste estudo, através do sigilo dos dados pessoais que possam vir a identificar os participantes.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter meus direitos de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo;
3. Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade.
4. Procurar esclarecimentos com o Comitê de ética em Pesquisa da PUC/SP a Rua Ministro Godoy, 969 – Sala 63-C – Bairro Perdizes CEP 05015-001 Tel.: (0xx11) 36708466 - e-mail: cometica@pucsp.br.

Declaro estar ciente do exposto e desejar participar do projeto.

Nome do sujeito _____

R.G. _____.

Assinatura: _____

Preencher caso o sujeito seja menor de 18 anos.

Nome do Responsável: _____

R.G. _____.

Assinatura: _____

Eu, *Vitorina de Jesus Fernandes Ferraz*, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto ao participante e/ou responsável.

Fone: (11) 3459-3974

Data: ___/___/____.